



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E DA SAÚDE –
FATECS**

PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

**ANDRESSA DE JESUS SOBRINHO
ISABELLA MORI COSTA
MARCELLE RODRIGUES CARNEIRO DE SOUZA REIS**

**SURICATE SEBOSO E COMUNIDADE VIRTUAL:
REGIONALISMO DISCURSIVO E HUMOR EM MEMES PARA
REDES SOCIAIS ON-LINE**

**BRASÍLIA
2017**



**ANDRESSA DE JESUS SOBRINHO
ISABELLA MORI COSTA
MARCELLE RODRIGUES CARNEIRO DE SOUZA REIS**

**SURICATE SEBOSO E COMUNIDADE VIRTUAL:
REGIONALISMO DISCURSIVO E HUMOR EM MEMES PARA
REDES SOCIAIS ON-LINE**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa pela Faculdade de Ciências da Educação e da Saúde – FACES (de acordo com a faculdade em que o aluno estiver matriculado)

Orientação: Professora Doutora Carolina Assunção e Alves

**SURICATE SEBOSO E COMUNIDADE VIRTUAL: REGIONALISMO
DISCURSIVO E HUMOR EM MEMES PARA REDES SOCIAIS ON-LINE**

Andressa de Jesus Sobrinho – UniCEUB, PIBIC-CNPq, aluna bolsista

andressadejesus57@gmail.com

Profa. Dra. Carolina Assunção e Alves – UniCEUB, professora orientadora

carolina.alves@uniceub.br

Isabela Mori Costa – Colégio Seriös, PIC Jr., colaboradora

isabelamori6@gmail.com

Marcelle Rodrigues Carneiro de Souza Reis – Colégio Seriös, PIC-Jr., colaboradora

marcellerodrigues.reis@gmail.com

Esta pesquisa tem o objetivo de entender como a linguagem marcada pela oralidade regional e pelo humor consegue atingir públicos diversificados num contexto on-line, por meio das ferramentas de redes sociais e das comunidades virtuais na internet. Para tanto, foi necessário desenvolver estudos para assimilar o comportamento dos sujeitos/usuários na cibercultura. É preciso levar em conta, entretanto, a atuação dos seres humanos em um processo de interação híbrida com não-humanos, como defendem Bruno Latour (1994) e outros pesquisadores da Teoria Ator-Rede (TAR). Outro aspecto relevante para a composição deste estudo é verificar como esses híbridos interagem no Facebook, mais especificamente na *fan page* de uma comunidade virtual chamada Suricate Seboso. A característica mais marcante do conteúdo dessa página é o regionalismo discursivo entrelaçado ao humor. Tal aspecto atrai pessoas que não habitam essa região geográfica, mas se engajam como integrantes e seguidoras. Os principais autores utilizados, além de Latour, foram Castells (2001), Lévy (1999), Bakhtin (2016), Saussure (1987), Johnson (2001) e Recuero (2003), entre outros. Os procedimentos metodológicos empregados foram a semiótica relacionada à imagem e a análise de conteúdo. Os resultados, em linhas gerais, revelam que a subjetividade de cada usuário como actante em rede, através dos conteúdos representados por memes, é um dos principais fatores para que haja a interação desterritorializada. A mobilidade e o alcance proporcionado pela internet também são fatores de suma relevância para que

isso ocorra. Além disso, a língua nativa faz parte de todo o processo, pois ainda que haja o regionalismo, o português é o idioma envolvido nas comunicações, sendo elas dotadas ou não de hibridismo discursivo nas marcas regionais e pessoais.

Palavras-Chave: Comunidades virtuais. Regionalismo. Híbridos. Suricate Seboso. Memes.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 REDES HUMANAS E COMUNICAÇÃO	10
1.1 Cibercultura e sociedade: comunicação e adaptação	10
1.2 Interface: um aporte entre atores humanos e não-humanos	11
1.3 Os híbridos e a mistura dos quatro repertórios	12
2 COMUNIDADES VIRTUAIS: SINGULARIDADE EM GRUPOS	14
2.1 Humor e Individualidade em grupo	16
2.2 Os Memes	18
3 COMUNICAÇÃO E LINGUAGEM	20
3.1 Hibridismo discursivo	23
3.2 Regionalismo e identidade	24
4. METODOLOGIA	27
5.COMUNIDADE VIRTUAL SURICATE SEBOSO	29
5.1 Os Memes	29
<i>5.1.1 Classificação dos memes</i>	56
<i>5.1.2 A Teoria Ator-Rede e o Facebook</i>	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	61

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – “A Mãe”.....	30
Figura 2 – “Sebosinho”.....	30
Figura 3 – “Toinha.....	31
Figura 4 – Memes para análise.....	32
Figura 5 – Mensuração de resultados (Engajamento médio e hora de postagem).....	33
Figura 6 - Mensuração de resultados (Engajamento médio e data de postagem).....	34
Figura 7 – Meme 1.....	35
Figura 8 – Comentário 1 do meme 1.....	37
Figura 9 – Comentário 2 do meme 1.....	38
Figura 10 – Comentário 3 do meme 1.....	38
Figura 11 – Comentário 4 do meme 1.....	39
Figura12 – Comentário 5 do meme 1.....	39
Figura 13 – Comentário 6 do meme 1.....	40
Figura 14 – Meme 2.....	41
Figura 15 – Comentário 1 do meme 2.....	43
Figura 16 – Comentário 2 do meme 2.....	43
Figura 17 – Comentário 3 do meme 2.....	44
Figura18 – Comentário 4 do meme 2.....	44
Figura 19 – Comentário 5 do meme 2.....	44
Figura 20 – Comentário 6 do meme 2.....	45
Figura 21 – Meme 3.....	46
Figura 22 – Comentário 1 do meme 3.....	47

Figura 23 – Comentário 2 do meme 3.....	48
Figura 24 – Comentário 3 do meme 3.....	48
Figura 25 – Comentário 4 do meme 3.....	48
Figura 26 – Comentário 5 do meme 3.....	49
Figura 27 – Comentário 6 do meme 3.....	49
Figura 28 – Meme 4.....	50
Figura 29 – Comentário 1 do meme 4.....	52
Figura 30 – Comentário 2 do meme 4.....	52
Figura 31 – Comentário 3 do meme 4.....	52
Figura 32 – Comentário 4 do meme 4.....	53
Figura 33 – Comentário 5 do meme 4.....	53
Figura 34 – Comentário 6 do meme 4.....	53
Figura 35 – Reações ao primeiro comentário.....	54
Figura 36 – Respostas ao primeiro comentário.....	55

INTRODUÇÃO

A sociedade evolui constantemente e os meios de comunicação também. A internet trouxe aos seres humanos a mobilidade geográfica e a velocidade. O que antes dependia de correio para entrega de correspondência, por exemplo, hoje é substituído por um clique.

A cibercultura torna-se alvo de estudos, pois nela ocorre a atuação de seres humanos e não-humanos ao mesmo tempo, através da tradução da comunicação entre máquinas e pessoas. Tal fenômeno é explicado por Latour e outros autores responsáveis pela Teoria Ator-Rede (TAR). Uma das plataformas tradutoras dos “zeros e uns” é a interface, conceito explanado por Johnson (2001).

As comunidades virtuais também fazem parte da cibercultura e são elementos essenciais para o estudo do comportamento de usuários geograficamente desterritorializados, em busca de interação via assuntos que coincidem com os perfis individuais. Este processo ocorre com a página Suricate Seboso, pois a característica marcante do conteúdo oferecido está nos memes cercados de regionalismo. Porém, o engajamento não procede somente por pessoas próximas, mas por outras que fazem parte do Brasil.

O tema desta pesquisa trata da mistura de todos esses elementos, a discussão entre a interação de personas na internet por meio das comunidades virtuais, e mais especificamente uma, que utiliza do humor entrelaçado ao regionalismo. A interface, que é o Facebook, permite que o conteúdo alcance pessoas de outros estados, que por algum motivo se identificam com os enunciados criados pela página. Os memes também fazem parte desse envolvimento, pois é através deles que há a disseminação discursiva. Os principais autores sobre a discussão do tema são Dawkins (1946), Latour (1994), Recuero (2007), Saussure (1987), entre outros.

A partir disso, surgem as problemáticas desta pesquisa: como um conteúdo predominantemente regional consegue ter abrangência em redes sociais, por meio do uso de uma linguagem nem sempre entendida *a priori* por

peças que não são nativas do nordeste, num contexto humorístico? Que possíveis efeitos de sentido são sugeridos pelos memes, e como eles dão margem à formação de uma comunidade virtual?

O objetivo geral desta pesquisa é entender como a linguagem marcada pela oralidade regional e pelo humor consegue atingir outros públicos diversificados, num contexto de comunicação on-line, por meio de ferramentas de uma plataforma conectada de redes sociais e das comunidades virtuais.

Os objetivos específicos são: adquirir uma visão sistêmica dos elementos que compõem a comunicação no contexto da sociedade em rede; definir redes sociais on-line e verificar o lugar ocupado pelo Facebook nesse quadro; fazer um estudo dos memes como matriz discursiva e situá-los no panorama dos estudos sobre gêneros discursivos; estudar o regionalismo da língua e as especificidades de suas manifestações orais; investigar os aspectos que caracterizam da transição da oralidade regional para o dispositivo web por meio de memes; compreender a formação de comunidades virtuais em torno de manifestações linguageiras propostas em redes sociais on-line e analisar como esses fenômenos se processam na página Suricate Seboso.

Para desenvolver e responder as perguntas em questão, esta monografia foi organizada em cinco capítulos. O primeiro retrata sobre as redes humanas, o ciberespaço e a cibercultura, além de tratar também da teoria ator-rede e do conceito de interface. Já o segundo contextualiza sobre as comunidades virtuais e os temas que possam ser chamativos para que alguém se engaje em discussões das comunidades. São eles: o humor e os memes.

O terceiro trata da linguagem e da comunicação. Alguns aspectos são levados em consideração, como o hibridismo discursivo, a língua, o regionalismo, os enunciados e as diversas formas de linguagem inventadas pelo ser humano. Para o quarto capítulo, foram reservados os procedimentos metodológicos a partir da semiótica e da análise de conteúdo. Finalmente, no último, houve a análise e a discussão de resultados desenvolvidos no projeto. Foram analisados os quatro memes mais engajados em números durante os anos de 2016 e 2017.

1 REDES HUMANAS E COMUNICAÇÃO

Este capítulo trata sobre os seres humanos e as tecnologias que os cercam. Percebe-se que os seres humanos não são atores individuais na cibercultura, muito pelo contrário. Bruno Latour (1994) é um dos principais autores que abordam a atuação de seres humanos e não-humanos nas redes e nas redes sociais. O estudo também se interessa pelo processo de adaptação das pessoas com relação às máquinas e o que as move para a comunicação nas chamadas interfaces.

1.1 Cibercultura e sociedade: comunicação e adaptação

A sociedade está diante de diversas mudanças e evoluções constantes. De início, pode-se “estranhar” o que há de novo, mas depois, adapta-se e adequa-se aos diversos novos existentes. E essas tecnologias transformam nosso redor, não somente em nosso dia a dia, mas principalmente em nossas formas de comunicação.

A internet é atualmente uma dessas evoluções que facilita uma grande disseminação de conteúdos de forma local e global ao mesmo tempo. Assim, surgiu como o primeiro meio de comunicação a permitir que várias pessoas se comuniquem no momento e lugar em que quiserem (CASTELLS, 2001). Dentro desse universo da internet, encontram-se dois termos relevantes para esse meio de comunicação e suas especificidades, o ciberespaço e a cibercultura. Lévy (1999, p. 16) os define:

Ciberespaço [...] é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. [...] cibercultura [...] o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes de modos de pensamento, de valores, que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

Logo no surgimento dessa tecnologia, havia um espaço maior de interações das empresas que possuíam objetivos de crescer economicamente, projetando conteúdos mercadológicos. Mas depois de um tempo, a cibercultura

se torna um ambiente em que a sociedade se reúne para o simples comunicar (LÉVY, 1999). Paradoxalmente, o mesmo autor explana a questão dessa nova tecnologia, que pode ser tanto um remédio como um veneno ao mesmo tempo. Pode ser remédio, por exemplo, para situações de comunicação em que a mobilidade a torne mais rápida. Veneno porque muitas pessoas talvez não saibam como utilizar essas ferramentas, e isso pode ser um aspecto ruim para aqueles que não possuem esse conhecimento. Desse modo, a sociedade pode ser refém da tecnologia e ter a todo momento que acompanhá-la para que não se torne obsoleta.

Contudo, McLuhan (1996) determina que apesar dos avanços tecnológicos, o que deve ser estudado somos nós, os sujeitos envolvidos; o que nós fazemos com a tecnologia e como, demonstrando que esses meios de comunicação acabam por se tornar extensões de nosso corpo. Por exemplo, na atualidade, a internet e as redes sociais são um complemento que auxilia em nossa comunicação com outras pessoas. Estas ferramentas se transformam em conexões e ligações do corpo humano, pois permitem que haja uma extensão da fala e da comunicação.

1.2 Interface: um aporte entre atores humanos e não-humanos

A internet é um meio de comunicação com linguagem própria (CASTELLS, 2001): por isso, é necessário estabelecer o que foi feito para que essa comunicação entre humanos e máquinas fosse traduzida e entendida entre ambos. O computador possui a linguagem binária, de “zeros e uns”, enquanto seres humanos se expressam por meio de palavras, textos, sons e imagens (JOHNSON, 2001), sendo assim, possível a interação na internet. É onde a palavra *Interface* se encaixa.

Para que haja a mediação entre máquinas e sociedade, são relevantes estudos sobre a mente humana, como por exemplo, do autor Johnson (2001), que determina que a nossa “memória visual” dura mais que a memória “textual”. É esse o papel do *designer de interface*, que necessita fazer a linguagem visual, juntamente com a ‘tradução’ dos sistemas de computador, transformando

em um ambiente no qual o indivíduo possa engajar de forma simples, inteligível e rápida.

Em outras palavras, *interface* “se refere a softwares que dão forma à interação entre usuário e computador” (JOHNSON, 2001, p. 17), que trabalha como tradutor entre os dois, tornando-se mediador de ambas as partes. O conceito se assemelha ao proposto por Lévy (1999), pois determina que *interface* designa qualquer material que permite a interação entre o mundo digital e o “ordinário”.

Dentro dessas *interfaces* do ciberespaço, criam-se bordões e expressões específicas. Segundo Johnson (2001) se a *Interface* é um meio de comunicação, então é necessário que haja uma nova linguagem para essa nova mídia. Esse fenômeno pode ser também um aparato chamativo, pode atrair a atenção das pessoas. E se juntarmos a questão da linguagem da internet inserida na regionalização em comunidades virtuais, como o Suricate Seboso, por exemplo, podemos encontrar uma espécie de status para aqueles que se engajam em tal ambiente. Dentro deste aspecto, certos grupos virtuais e suas comunidades podem ser tornar públicos de nicho, pois o conteúdo produzido pelas *interfaces* e suas linguagens atrai diferentes perfis.

Esse fenômeno pode ser descrito por Ogden e Crescitelli (2007) como segmentação de mercado, pois trata-se não da generalização de pessoas, mas grupos específicos criados e atingidos de acordo com interesses oferecidos. Nicho, para os autores é exatamente a relação de consumo em grupos menores, sendo estes segmentos de mercado. Isso demonstra, por exemplo, a atuação do ser humano com o ser não-humano, os também chamados de híbridos.

1.3 Os híbridos e a mistura dos quatro repertórios:

Se estamos diante de códigos binários interagindo com seres humanos, temos então o conceito de Latour *et. al* (1947), a teoria ator-rede (TAR). O autor relata que existem os atores, sendo eles humanos e os não-humanos, também chamados de híbridos.

Latour relata sobre quatro repertórios que, ligados à modernidade, funcionavam se utilizados separadamente. Porém, atualmente, eles se combinam. Os tópicos abaixo são importantes para esta pesquisa para o estudo sobre a relação do ser humano e não-humano em suas interações. Trata-se das seguintes categorias:

- ❖ **Ser humano:** a individualidade de cada ser, os pensamentos, o que os move, gostos e desgostos. São seres imanentes, que podem construir pensamentos, estudar o comportamento tanto do indivíduo quanto da sociedade e até mesmo das coisas-em-si.
- ❖ **Coisas em si:** Latour afirma que quanto mais subjetividade, mais objetos surgirão. Acredita-se que esses objetos (ou não-humanos), as redes sociais, as comunidades virtuais, têm a simples questão de nos interligar a outros atores para a comunicação. Como explicado anteriormente, essas coisas em si podem ser extensões de nossos corpos, conforme as ideias defendidas por McLuhan.
- ❖ **Narrativa:** esse tópico trata do que une os seres humanos aos não-humanos. São as histórias, os discursos, as vivências, as narrativas que se criam no ciberespaço, trazendo os metacommentários, em que falamos sobre a história das coisas ao nosso redor. Para Latour (1947, p. 89) “o discurso não é um mundo em si, mas uma população de actantes que se misturam tanto às coisas quanto às sociedades, que sustentam ambas, e que as mantêm”. Dessa forma, a narrativa é uma das principais movedoras de conteúdo e engajamento na cibercultura por meio desses actantes.
- ❖ **Coletivos:** os coletivos consistem na mistura das coisas em si (os actantes não-humanos) e o seres humanos com gostos e paixões, também actantes. Nos coletivos, encontramos o hibridismo, ou seja, a interação entre os actantes de coisas em si ou não-humanos, os actantes humanos e o que os move. Latour referencia a questão da importância dos coletivos nesse processo de interação híbrida:

[...] a natureza gira, de fato, mas não ao redor do sujeito-sociedade. Ela gira em torno do coletivo produtor de coisas e de homens. O sujeito gira, de fato, mas não em torno da natureza. Ele é obtido a partir do coletivo produtor de homens e coisas. (LATOURE, 1994, p.78).

Assimilando todos os repertórios, obtém-se as redes – principalmente humanas - nas quais há a interação das coisas em si, dos seres-humanos, das narrativas e dos coletivos. Uma dessas são as redes sociais, consideradas mediadoras de conteúdo.

A mediação, segundo Latour, ocorre quando a informação é repassada, mas há a tradução e até mesmo a modificação da mensagem: a intermediação ocorre quando a informação é repassada de forma pura, ou seja, sem nenhuma modificação no conteúdo. Para Jurno (2016) a mediação ocorre por parte das redes sociais por causa dos chamados algoritmos¹. Se não houvesse o agenciamento por parte deles, ou seja, se essas ferramentas não “decidissem” a transposição de certos conteúdos de acordo com perfil do usuário por exemplo, provavelmente seriam consideradas intermediárias, ou seja, somente repassadoras de informação para os usuários.

Porém, se há um agenciamento em que as redes sociais escolhem a relevância das informações, sejam estas coletivas, narrativas, coisas em si ou humanas, delimitando o que o usuário verá ou engajará primeiro, elas se tornam redes mediadoras. Assim, percebe-se que as redes sociais on-line são também parte desse processo.

2 COMUNIDADES VIRTUAIS: SINGULARIDADE EM GRUPOS

O ser humano possui como característica a questão da convivência em grupo como algo pertencente às próprias raízes, tanto na vida real como na virtualidade. A necessidade do ser humano de interagir em grupo é de longa data. Desde a história de nossa existência e sobrevivência, foi decretado que, para algumas funções, era necessária a participação em vários grupos, que depois se transformaram em comunidades. Nessas comunidades, pode-se

¹ Os algoritmos utilizados em redes sociais, como o Facebook, possuem a função de determinar que tipos de conteúdo o usuário terá acesso em sua conta a partir de fatores relevantes, como perfil e comportamento (MARKETING DE CONTEÚDO, 2017).

encontrar um perfil segmentado para cada ser humano (RECUERO, 2003). Recuero retoma o conceito de Weber para a aplicação do termo:

Chamamos de comunidade a relação social na medida em que a orientação da ação social, na média ou no tipo ideal - baseia-se em um sentido de solidariedade: o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes (WEBER apud RECUERO, 2003, p.3).

As comunidades podem ser formadas por interesses e paixões de cada ser humano, como retratado anteriormente. Contudo, há o que chamamos de comunidades virtuais, criadas por meio do ambiente de ciberespaço.

De acordo com Pierre Lèvy (1999 p. 24), “comunidade virtual é um grupo de pessoas se correspondendo mutuamente por meio de computadores interconectados”, afirmando que nessas comunidades as pessoas estão procurando, trocando ou compartilhando interesse mútuos, conhecimentos, entre outros, onde há a interconexão; ou seja, para que haja tal interação é necessário que se detenha dois ou mais actantes.

Para Recuero (2003, p. 5) comunidade virtual é “o termo utilizado para os agrupamentos humanos que surgem no ciberespaço, através da comunicação mediada pelas redes de computadores”. Os dois conceitos se assemelham, pois retratam a importância dos seres humanos e máquinas diante da cibercultura.

Percebe-se assim, a importância da atuação do computador e dos seres humanos para que haja a interação e até mesmo o surgimento das comunidades. A mistura da linguagem de zeros e uns do computador e das palavras textuais dos seres humanos é traduzida pelas interfaces e mediada pelas redes sociais em uma comunidade virtual. Esta é movida pela comunicação dos actantes que participam por motivos particulares, que compõem personalidades dentro de um ambiente de característica de grupo, pelo simples fator de divisão de conhecimento e emoções, com o intuito de disseminação de conteúdo e comunicação. Em outras palavras, a individualidade de cada actante compõe um grupo ou comunidade de pessoas que também possuem distintas personalidades, em que cada um pode “pegar para si” um pouco da

individualidade de cada um, disseminando o conteúdo de uma ou várias comunidades virtuais.

Para que aconteça a individualidade das diversas personalidades dentro de uma comunidade virtual, é necessário que haja mobilidade e alcance. Semprini (2010) explica os dois termos como complemento. Para o autor, a mobilidade funciona além do espaço geográfico e físico, e serve para o maior alcance das coisas, dos seres humanos. Torna-se assim, um fator social principalmente pelo que a internet proporciona para a mobilidade, tanto da comunicação como a fatores que facilitam a vida dos seres humanos, como pagamentos bancários on-line, que dá acessibilidade da rapidez, sem que seja necessário sair de casa, por exemplo.

As comunidades virtuais podem atingir pessoas de diferentes localidades em âmbito universal, onde cada actante interpreta, no próprio lugar físico em que se encontra, uma mensagem desterritorializada.

Para Latour, os seres humanos são sim diferentes e é a “dimensão” que proporciona que todos tenham essas particularidades. Porém, quando eles se encontram nos coletivos – que podem ser a comunidades virtuais – todos se tornam de certa forma aliados, como uma espécie de irmandade.

Para que aconteça todo esse processo, é necessário que haja um aporte, assunto ou tema que convide os atores humanos à participação em comunidades virtuais em rede. O humor, por exemplo, é um dos temas utilizados para tratar sobre tópicos da vida do ser humano, como vida amorosa, comida, assuntos políticos, entre outros.

2.1 Humor e Individualidade em grupo

A sociedade cibernética está sempre à procura de assuntos para o entretenimento nas redes sociais. Consequentemente, cada ator humano possui um perfil que provavelmente se encaixe para determinadas comunidades virtuais que abordam. Utilizar o humor pode ser uma estratégia que, de certo modo, pode

suavizar a forma como a mensagem é transmitida e até mesmo como os usuários venham a interpretá-la.

Segundo Possenti (2010), os textos humorísticos estão sempre relacionados a algo, como coisas do cotidiano, assuntos políticos, entre outros. Para o autor, o humor é cultural, pois boa parte do que é retratado faz parte das culturas de certo país. Apesar disso, o mais importante no humor não é somente a cultura, mas o riso provocado pelos assuntos.

Para Tabacaru (2015, p. 117) o humor “é visto como uma comparação entre um falante e um ouvinte[...]”. Ou seja, há sempre um conteúdo de alguma pessoa relacionado ao debate e o discurso que é retratado em forma de humor para outras pessoas. Percebe-se que esta pode ser uma fórmula que auxilia em mensagens diárias. Segundo Neto (2011), o humor tornou-se algo de tanto uso que diariamente é possível encontrá-lo. É importante que haja o humor, mas é necessário lembrar que ele também é um objeto de estudo para entender o comportamento das pessoas.

Para Soerensen (2011) o humor está relacionado à verdade e como ela é retratada. A autora cita a teoria da carnavalização de Mikhail Bakhtin (1989), que tinha como objetivo estudar os fenômenos carnavalescos de antigamente em que as pessoas se fantasiavam de coisas que queriam ser ou dizer, pois durante o dia a dia, eram de certa forma censuradas de demonstrarem verdades pessoais.

[...] a relativização da verdade e do poder dominantes constitui um dos sentidos profundos do riso carnavalesco nas suas múltiplas manifestações; ao ridicularizar tudo o que se arroga de uma condição imutável, transcendente, definitiva, o carnaval celebra a mudança e a renovação do mundo (SOERENSEN, 2011, p. 331).

Bakhtin (*apud* Soerensen 2011) reflete sobre as máscaras que as pessoas utilizavam em tais fenômenos de carnaval. Hoje, acredita-se que essas máscaras usufruídas pelos usuários e atores humanos seria a representação do humor acompanhado do riso. Nota-se que o humor e o riso são componentes importantes para os seres humanos para a comunicação, pois tornam-se um

auxílio na expressão de ideias, sentimentos, de forma mais descontraída e sem julgamentos, por exemplo.

Na sociedade conectada em rede, contexto que envolve esta pesquisa, há uma série de reconfigurações da utilização do humor na comunicação. O conteúdo multiplataforma permite que ele se manifeste em textos, vídeos, imagens fixas e vários processos de interação. Os chamados memes estão entre as expressões on-line do universo humorístico da condição humana.

2.2 Os Memes

Atualmente, a comunicação nas redes sociais on-line é cercada por memes. Alguns pesquisadores afirmam que o termo surgiu pela primeira vez no livro “O gene egoísta”, de Richard Dawkins (1946). O autor relata primeiramente sobre os genes, determinando que umas das principais características é que são replicadores, ou seja, “o gene, a molécula de DNA, é por acaso a entidade replicadora mais comum no nosso planeta” (DAWKINS, 1946, p. 329). Apesar disso, Dawkins acredita que existam outros replicadores: os memes. O meme, segundo o autor, traz traços que refletem a “cultura humana” e suas linguagens.

Dawkins (1946) esclarece que o termo meme deve ser relacionado à propagação (de informação, de comunicação), assim como o gene. O processo de disseminação é observado como “transmissão cultural” e até mesmo imitação, pois os memes, segundo o autor, podem ser ideias, tendências do momento, os comportamentos ou afins. Estes se espalham na mente dos envolvidos que repassam a informação (meme). O processo de replicação acontece por meio da escrita e da oralidade. Acredita-se que atualmente, esses dois aspectos estão ligados também ao humor, juntamente à disseminação nas redes sociais.

A imitação existe para que os memes consigam a replicação. Há três características importantes para trabalhar com os memes replicadores: longevidade, fecundidade e fidelidade de cópia (DAWKINS, 1946, p. 333).

- ❖ **Longevidade:** é vista como tempo de duração do meme. O autor relata que não há muita importância sobre a longevidade, contanto que haja a disseminação.
- ❖ **Fecundidade:** é o processo de disseminação. Este é considerado mais importante que o tempo de duração do meme.
- ❖ **Fidelidade da cópia:** alguns memes podem sofrer mutação no processo de disseminação, pois cada indivíduo, ao replicar a informação, pode “contar” a própria versão dentro da ideia repassada anteriormente.

Sobre os três tópicos, Recuero (2007) cria subclassificações de memes. Para a longevidade existem os persistentes e os voláteis:

- ❖ **Persistentes:** são memes que possuem um tempo maior de replicação. Eles podem desaparecer e voltar depois de um tempo.
- ❖ **Voláteis:** têm pouco tempo de duração. Podem ser esquecidos ou transformados em memes novos.

Para a fecundidade, existem os epidêmicos e fecundos:

- ❖ **Epidêmicos:** como o próprio nome sugere, são memes que se disseminam como uma epidemia. Isso pode ser causado por tendências e comportamentos momentâneos.
- ❖ **Fecundos:** são memes distintos dos epidêmicos, pois não se espalham como uma epidemia; muito pelo contrário, eles podem se propagar em grupos de pessoas. Porém, segundo a autora, todos os memes possuem a habilidade de fecundação, se forem ‘replicados’ e disseminados.

Sobre a fidelidade da cópia, há os replicadores, metamórficos e miméticos:

- ❖ **Replicadores:** são memes que replicam sem modificar a originalidade do conteúdo. Eles possuem como característica a informação.
- ❖ **Metamórficos:** categoria que demonstra que os memes são mais interativos por causa da possibilidade de mudança e alteração no conteúdo quando transmitidos para outros.
- ❖ **Miméticos:** são memes que, apesar de sofrerem mutação e imitação, mantêm a essência do conteúdo (ou da mensagem). Eles conseguem se personalizar de acordo com o meio.

Recuero (2007, p. 26) acrescenta mais um aspecto ligado aos três de Dawkins, o **alcance**. Para a autora, essa categoria se define como “o alcance do meme dentro da rede, ou ainda, quais tipos de nós ele atinge mais, os que estão mais próximos ou mais distantes entre si”, e que podem ser divididos em duas classificações: global e local.

- ❖ **Global:** os memes globais possuem pouca interação entre os envolvidos. Não há uma aproximação das pessoas que os disseminam. Como o próprio nome relata, o alcance é “global”.
- ❖ **Local:** são memes pertencentes a uma categoria de pessoas com laços sociais mais fortes por causa da localização. As pessoas que disseminam os conteúdos possuem maior interação. Este pode ser a categoria que lembra a página Suricate Seboso, por exemplo.

Percebe-se que o usuário que está diante dos memes, replica o que achar conveniente para si de acordo com perfil e ideologias. Pode haver várias classificações, mas é o usuário/*persona* que está no controle da disseminação e replicação de conteúdo.

3 COMUNICAÇÃO E LINGUAGEM

Diante dos vários aparatos chamativos e convidativos para os usuários em rede que se conectam às comunidades virtuais, utilizam-se estudos da Linguística para a compreensão de tais fatores. Esses elementos são considerados por Lyons (1987, p.8) como “fenômenos da linguística”. Segundo o autor, podem ser definidos como aspectos de ordem “social, ou instituição que, em si mesma, é puramente abstrata, na medida que não existe nenhuma medida física”, mas que apesar disso, possui como função o estudo dos seres humanos em perspectivas linguísticas e que fazem parte de comunidades remetentes à linguística.

Segundo Saussure (1987, p.15) a linguagem “tem um lado individual e um lado social sendo impossível conceber um sem o outro”. Isso é visto também como a amplitude dos estudos, os comportamentos gerados através das

linguagens. Para o autor, não há como transformar a linguagem em uma unidade em si, porque é natural do ser humano, através dela, criar uma língua. Sobre a língua, Saussure (1987, p.17) esclarece que ela faz parte do processo da linguagem, pois é “ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem”, ou seja, a língua permite que haja o acontecimento do exercício dos diversos comportamentos (linguagens) criados pelos indivíduos.

A língua pode ser também um grande fator de contribuição para esta pesquisa, pois para Saussure (1987), encontram-se nela também acústicas imagéticas, que podem ser analisadas. Ou seja, diferentemente da fala, a língua pode ser estudada também na escrita, podendo estar relacionada a outras coisas, como os memes deste estudo, por exemplo. Já o conteúdo da fala, segundo o autor, pode se perder em decorrência do esquecimento do pesquisador. Porém, se ligada à língua, a fala torna-se instrumento essencial para que haja a comunicação e a expressão dos seres humanos. Isso ocorre principalmente quando obtemos o primeiro contato com a nossa língua de origem, ou até mesmo quando crescemos em um ambiente no qual obtém-se o idioma materno, mas que há também a regionalização. A língua é assim, o aporte para a fala no momento de primeiro contato com a linguagem (SAUSSURE, 1987).

Portanto, a língua é sempre relacionada ao ser humano e suas individualidades, sendo descrita como “um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritmos simbólicos [...] **Ela é apenas o principal desses sistemas**”. (SAUSSURE, 1987, p. 24, grifo nosso). Verifica-se assim, a importância da língua com relação ao regionalismo, a individualidade do ser e a personalização da linguagem dentro das comunidades virtuais em rede. Pois, de certa forma, a língua se torna o fator principal de todo o processo. Há também a relevância do estudo da linguagem utilizada nas comunidades virtuais, ou seja, a forma como as pessoas se comunicam e se comportam nesses veículos. Esse processo se assemelha com aquilo que Bakhtin (2016, p. 17) estabelece, pois “a língua passa a integrar a vida através dos enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua”. Verifica-se a importância do enunciado no processo citado acima.

Segundo Bakhtin (2016), o enunciado pode ser mais completo se comparado à língua, pois traz um nível de expressividade individual maior, sendo este o fator essencial para que isso aconteça. Neste caso, percebe-se que o enunciado da página em análise pode ser o *post* oferecido para os usuários de forma personalizada e original. Porém, o autor não descarta a relevância da língua, muito pelo contrário, relata que a língua demonstra as diversidades individuais e de linguagem através dos enunciados.

Para Bakhtin, (1987, p. 57) “todo enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva”. Assim, é possível perceber que todo enunciado discursivo possui a informação ou características de outros enunciados feitos por outros enunciadores. O autor afirma ainda que é praticamente impossível encontrar enunciados que não possuam características de outros, pois o ser humano não defende valores e posições, sem de certa forma se espelhar em alguém, ou neste caso em algum enunciador anterior.

O termo discurso “define-se, ao mesmo tempo, como objeto produzido pelo sujeito da enunciação e como objeto de comunicação entre um destinador e um destinatário” (BARROS, 2000, p. 54). Para Barros, o enunciador, antes de criar um enunciado discursivo, pensa em uma série de fatores. Bakhtin (1987, p.57) informa a caracterização do enunciador em quatro classificações: o sistema da língua, ou seja, pode ser algo motivador, a expressividade, linguagem personalizada (no caso deste trabalho, o regionalismo); o objeto do discurso, que pode ser tratado pelo enunciado, por exemplo; e o próprio falante, que possui sua individualidade e sua expressividade, seguido das outras etapas juntas dentro do enunciado discursivo. O autor acrescenta que o conteúdo de um enunciado pode ser transferido para outro, e uma das formas como isso pode ser recebido é através do humor, da paródia e por situações “extraverbais” que correspondem a enunciados terceiros.

A subjetividade também faz parte do processo de expressividade. Segundo Silva (2014), o termo possui como conceito a relação dos sentimentos do “eu” de cada ser humano, de modo consciente ou inconsciente. Para o autor, é na subjetividade que ocorre a personalidade de cada indivíduo com seus

pensamentos, ideias, sentimentos, entre outros. Todos os itens citados, podem ser encontrados também na oralidade e na escrita, ou nos dois ao mesmo tempo.

3.1 Híbridismo discursivo

Trata-se da dualidade da fala e da escrita no discurso. Para Porto e Porto (2011), o híbridismo no discurso ocorre quando se utilizam estruturas textuais diferentes do convencional encontrado. Segundo Bakhtin (2016), essa “heterogeneidade” do oral e do escrito pode ser causada por fatores que acarretam no comportamento do ser humano e suas atividades. Bakhtin define esse fenômeno como parte do “gênero de discurso”. O autor acrescenta que nas diferenciações de gêneros encontra-se a personalização de cada indivíduo misturada à língua nacional, e que o enunciado acontece por meio dela, pois há a possibilidade de ocorrer a linguagem particular das pessoas.

Para Andrade (2011), a escrita possui o papel do “letramento” da sociedade, sendo uma espécie de status de sobrevivência para o ser humano, principalmente porque processos de educação se apoiam na escrita. O registro escrito é diferente da expressão da oralidade. Apesar disso, a escrita possui características próprias que a oralidade não possui, como fontes tipográficas, tamanhos das letras, entre outros.

A oralidade, por sua vez, segundo a autora, possui a fala como aliada para a informalidade do cotidiano, pois é através dela que se obtém os primeiros contatos com a língua de origem. Andrade afirma que os pesquisadores consideram a variação das linguagens um benefício porque isso demonstra vivacidade nas línguas, e se isso não acontecer, a língua “morre”.

Para Lúzio e Rodrigues (2011), a escrita é considerada uma linguagem mais elaborada com relação à fala, mas quando se utiliza de recursos da oralidade como as gírias ou as abreviações, demonstra-se que quem está escrevendo quer transparecer intimidade e proximidade com relação ao leitor. Acrescentam que todos nós possuímos nossa forma de nos expressar, de falar, e que “cada região possui marcas linguísticas (maneiras diferentes de dizer a

mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade) que a diferencia uma da outra” (LÚZIO E RODRIGUES, 2011, p. 24), que caracterizam os grupos envolvidos. Esses aspectos, na visão dos autores, podem influenciar tanto oralmente quanto no momento da escrita. A utilização da fala e da escrita juntas demonstra que o locutor tenta transmitir uma mensagem que demonstre personalidade. Para os autores, a oralidade pode influenciar mais a escrita do que o contrário.

Entende-se que o hibridismo discursivo deva ser utilizado de modo pertinente, em que a escrita e a oralidade possam ser complementos para a mensagem na demonstração de personalidade nos conteúdos. Pode-se interpretar que a internet se torna um dos lugares adequados para que ocorra este fenômeno, porque por ser uma extensão multimodal da comunicação em rede. Além disso, a identidade de cada comunidade social pode ser percebida na utilização do hibridismo.

3.2 Regionalismo e Identidade

O regionalismo demonstra que, apesar de estarmos em um só país, existem as diversas culturas que se disseminam e se complementam de acordo com as histórias e vivência dos envolvidos. Segundo Murari (2015, p.97) o regionalismo possui como função trazer a importância de fatores como “o ambiente físico, os modelos de comportamento, as práticas [...]”. Para o autor, o cuidado não é somente sobre a importância do indivíduo em si, mas todo o conjunto que demonstre, por meio do hábito da *persona*, as características que compõem tal regionalismo. Assim, tal indivíduo se coloca como “representante de seu grupo social” (MURARI, 2015, p.97).

Para Araújo (2006, p. 113), o regionalismo “valoriza a força que se dá a peculiaridades locais, tanto em suas formas particulares de dizer quanto na exploração descritiva de seu lugar geográfico”. Nos dois pensamentos, percebe-se que o regionalismo é coberto por vários fatores que envolvem um indivíduo inserido em determinada cultura, dentro de uma nacionalização.

Segundo Silva (2014), é praticamente impossível conhecer todas as diferentes identidades que cercam e fomentam nossa nacionalidade, mas que apesar disso, é necessário saber a importância delas para a constituição da nação no todo. Para Silva (2014, p.29) “a formação da identidade ocorre também nos níveis local e pessoal”. Isso demonstra a importância do regionalismo na composição da identidade do indivíduo. O autor faz um apontamento sobre o estudo de Ernesto Laclau. Silva afirma que, segundo Laclau, as identidades das pessoas não possuem algo fixo, mas há um pouco de cada coisa, uma identidade pluralizada.

As diferentes culturas, os símbolos e as identidades com que nos deparamos diariamente em filas de banco e nas comunidades virtuais, como o Suricate Seboso, por exemplo, nos fazem respirar e nos envolver com outras diferentes culturas em suas representações (SILVA, 2014). Isso pode diversificar a identidade de cada indivíduo envolvido no processo.

Silva (2014, p. 89) relata que a identidade relembra a diferença:

A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora.

Percebe-se também que quando há o reconhecimento da identidade para outros, há orgulho pelo pertencimento da identidade em questão, por vincular-se a um regionalismo. Sobre a língua regionalista, Poulet (2009) acrescenta que certas expressões utilizadas nesse ambiente são facilmente reconhecidas por quem é acostumado a ouvir e a falar. Mesmo havendo essas personalizações regionais, o idioma não é prejudicado. O autor afirma que as “expressões idiomáticas” foram criadas a partir das histórias, lendas e contos que surgiram em torno da memória do país.

Segundo Poulet (2009, p. 219) “estas expressões pressupõem saberes culturais compartilhados pois o destinatário, que fala a mesma língua, consegue mais ou menos identificar o falar regional de seu interlocutor [...]” ainda que tenha

contato com as expressões utilizadas nesse regionalismo. Para o autor, o regionalismo deve ser estudado para demonstrar a diversidade cultural que o Brasil possui.

Através dos idiomatismos regionais, os traços singulares e os traços genéricos de uma mesma língua aparecem ao mesmo tempo. São estas marcas de cada cultura local, refletindo as influências históricas, étnicas e culturais que moldaram os diferentes falares das populações que formaram o Brasil (POULET, 2009, p.231).

Percebe-se que um dos maiores focos sobre a identidade e o regionalismo é a exaltação da língua brasileira, da história, da população e das diferentes culturas que a cercam. Isso pode ser visto na comunidade Suricate Seboso, página regional que traz, aos diversos públicos (que também possuem seus regionalismos), a demonstração da identidade e cultura local acerca de assuntos que envolvem diversas dimensões do cotidiano no Brasil.

4 METODOLOGIA

Este projeto aborda um estudo qualitativo com objetivos exploratórios, a partir dos seguintes procedimentos metodológicos: semiótica e análise de conteúdo.

A pesquisa exploratória, segundo Gil (2010, p. 27) pode “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou a construir hipótese”. O autor relata também que quando se trata de pesquisa acadêmica, em primeira instância, quase todos os projetos podem ser considerados pesquisas exploratórias, pois o processo de investigação por parte do pesquisador ainda pode estar em andamento.

Para Santaella (2007, p.10), a semiótica é considerada o estudo dos signos e também “ a ciência de toda e qualquer linguagem”. Para a autora, os seres humanos podem se comunicar de diversas formas, não somente pela língua nativa. Signos, de acordo com Umberto Eco (1932), são as comunicações. Para Eco (1973, p.17) a semiótica “é hoje uma técnica de pesquisa que consegue dizer-nos de um modo bastante exato como funciona a comunicação[...]”.

Sobre os signos, existe uma classificação, mais conhecida como a tríade semiótica, composta por: ícone, índice e símbolo. Para Volli (2000, p. 40) “um signo icônico deve a sua capacidade de significar ao fato que a expressão é sob certo aspecto semelhante ao próprio conteúdo”. Ou seja, o ícone possui como objetivo fazer uma interpretação semelhante de algo que já existe, como por exemplo, a caricatura, que é a significação da imagem real de uma pessoa.

Volli (2000, p. 42-43) afirma que o índice “não se baseia em uma semelhança mais ou menos exata entre significante e significado”, mas representações, como “marcas”, assinaturas. Para o autor, “um dedo apontado equivale ao seu objeto em virtude de uma ligação invisível que institui entre significante (dedo) e significado (o objeto)”. Por fim, Volli acrescenta que os ícones indicativos são mais fáceis de conter manipulação, mentira, entre outros, por causa da característica da representação, em vez da semelhança.

O símbolo é visto por Volli (2000, p. 44) como “ quando em sua ausência não haveria nenhuma ligação entre significante e significado”. Ou seja, a história faz parte da existência do símbolo, pois o que o define é a arbitrariedade que o cerca, como por exemplo, os desenhos que compõem a estrada e as linguagens que compõem a sociedade. São todos marcados pela história, por isso são considerados símbolos.

A semiótica será utilizada na pesquisa com o propósito de análise imagética composta por textos e imagens dos quatro memes mais interativos nos anos de 2016 e 2017. A tríade semiótica será o principal instrumento para a decomposição da análise.

Análise de conteúdo, segundo Bardin (2004, p.33) é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações”, ou seja, trata-se da possibilidade de estudo de diversos artefatos nas comunicações.

Para a autora, um dos passos mais importantes para a análise de conteúdo é a descrição dos fatos, e deve ser o primeiro procedimento a ser feito. A codificação (categorização) também é um processo relevante, pois auxilia na coleta de dados e resultados, sendo ela qualitativa (em forma de redação, textos, etc) ou quantitativa (números, gráficos, entre outros).

A análise de conteúdo será utilizada na pesquisa para descrever o histórico da página Suricate Seboso, para a explanação dos conteúdos dos memes e no processo de interpretação dos dados e redação de composição da análise. Outro aspecto deste procedimento metodológico é categorizar e classificar os memes, através dos conhecimentos propostos pela autora Recuero (2007), indicados no item 2.3 desta monografia.

5 COMUNIDADE VIRTUAL SURICATE SEBOSO

Suricate Seboso foi criado em 2012 no estado do Ceará. Segundo os autores Diego Jovino, Léo Gannbiarra e Dudu Souza, o termo relembra um animal específico que consegue transmitir a cultura nordestina tanto com respeito à linguagem local quanto a assuntos corriqueiros. Esses conteúdos são transfigurados para as principais mídias sociais, como o Facebook, por exemplo. Para os autores, esta é uma das mídias que mais demonstra autenticidade e sucesso de conteúdo, sendo ela um “fenômeno da internet” (SURICATE SEBOSO, 2017).

Até o presente momento desta pesquisa, o número de “seguidores” na rede social Facebook chega a mais de cinco milhões.

5.1 Os Memes

Um dos principais auxiliares na disseminação de conteúdo e mensagem da página são os memes, acompanhados (ou não) de humor, regionalismo e, na maioria das vezes, hibridismo discursivo (oralidade e escrita juntas).

A página possui sempre uma identidade visual com relação à composição dos memes. Por exemplo, existe na maioria das vezes, um suricate ou uma suricata² que funciona como personagem principal sobre o assunto retratado no conteúdo. Os nomes mais conhecidos na família Suricate são o “Sebozim”, que é parente de “Toinha”, e os dois são filhos da conhecida “A Mãe”. Outro ponto que auxilia no reconhecimento dos memes da página é o fundo de estrelas, característica fixa na maioria das reproduções meméticas apresentadas aos usuários. Mas um aspecto praticamente imutável nas reproduções é a tipografia.

² Cada suricate ou suricata (animal personagem) possui nome próprio que os usuários já reconhecem nas postagens. Ainda assim, os donos da página costumam utilizar os termos “suricate” e/ou “suricata” para os usuários que se engajam nos conteúdos ou que sugerem memes também.

A fonte utilizada é do tipo bastão e sempre da cor branca (com *outline* de cor preta) independentemente do fundo.

Figura 1 – “A Mãe”



Fonte: Facebook Suricate Seboso³

Figura 2 – “Sebosinho”



Fonte: Facebook Suricate Seboso⁴

³ Disponível em: <www.facebook.com/suricateseboso> Acesso em: 20 jul. 2017.

⁴ Idem referência.

Figura 3 – “Toinha”



Fonte: Facebook Suricate Seboso⁵

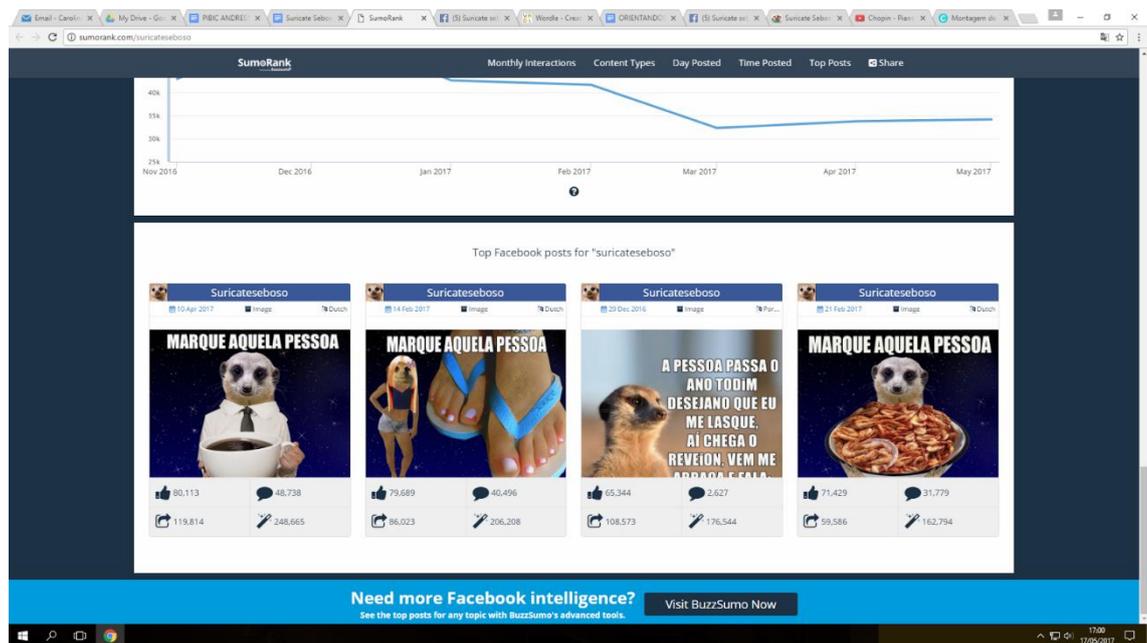
Esta análise está interligada sobre os quatro memes de maior engajamento da página entre os anos 2016 e 2017, em ordem decrescente, do mais popular ao menos. As informações foram coletadas através do “modo computador”, ou seja, no aparelho (versão) computador, pois também existe a versão *mobile*. Além disso, foram colhidos manualmente os seis comentários de maior repercussão nos memes.

A base para identificação dos maiores memes em números de engajamento foi realizada até o dia 4 de julho de 2017 através da ferramenta Sumorank⁶. A coleta de dados relativos aos memes também teve o auxílio das alunas Isabella Mori Costa e Marcelle Rodrigues Carneiro de Souza Reis, estudantes do Ensino Médio no colégio Seriös, colaboradoras desta pesquisa. Os memes de maior repercussão na página até essa data foram sobre o vício em café; pessoas que utilizam determinado calçado; mensagem motivadora e pessoas que gostam de camarão.

⁵ Disponível em: <www.facebook.com/suricateseboso> Acesso em: 18 jul. 2017

⁶ A ferramenta Sumorank auxilia na avaliação de números e resultados de páginas do Facebook. Para isso, é necessário que a página em si seja totalmente pública, para que haja a mensuração.

Figura 4 – Memes para análise

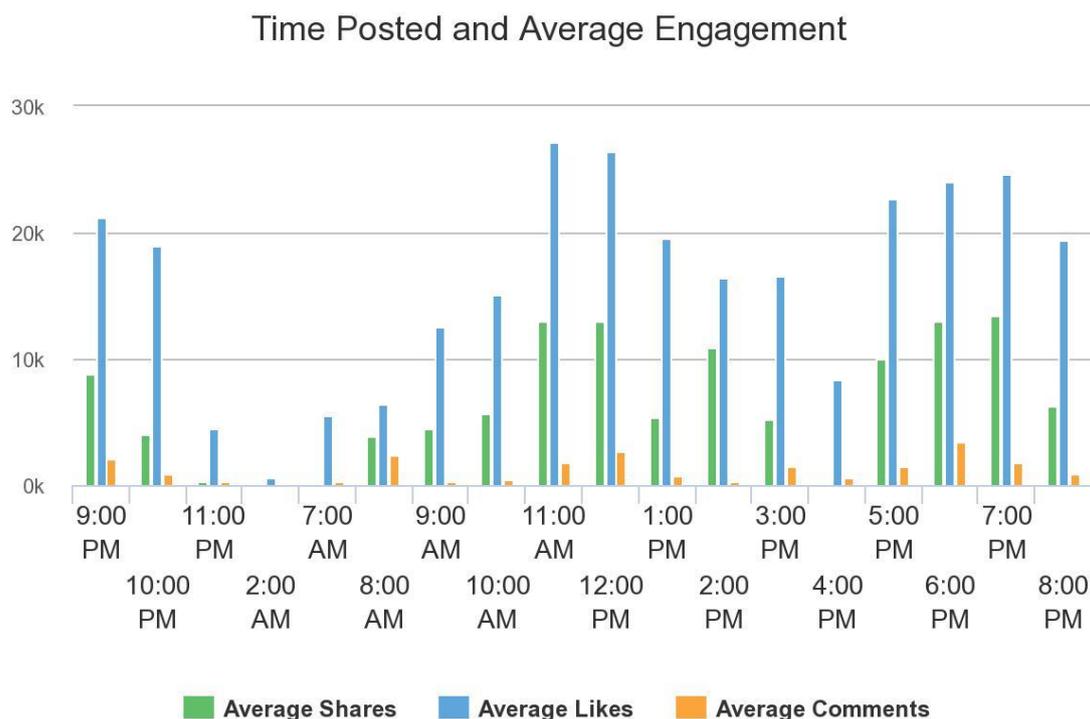


Fonte: Site Sumorank⁷

Foi realizado também um levantamento sobre a página. A ferramenta Sumorank mensurou resultados de engajamento com dados característicos de 4 de julho de 2016 a 4 de julho de 2017.

⁷ Disponível em: <www.sumorank.com/suricateseboso> Acesso em: 4 jul. 2017.

Figura 5 – Mensuração de resultados (Engajamento médio e hora de postagem)

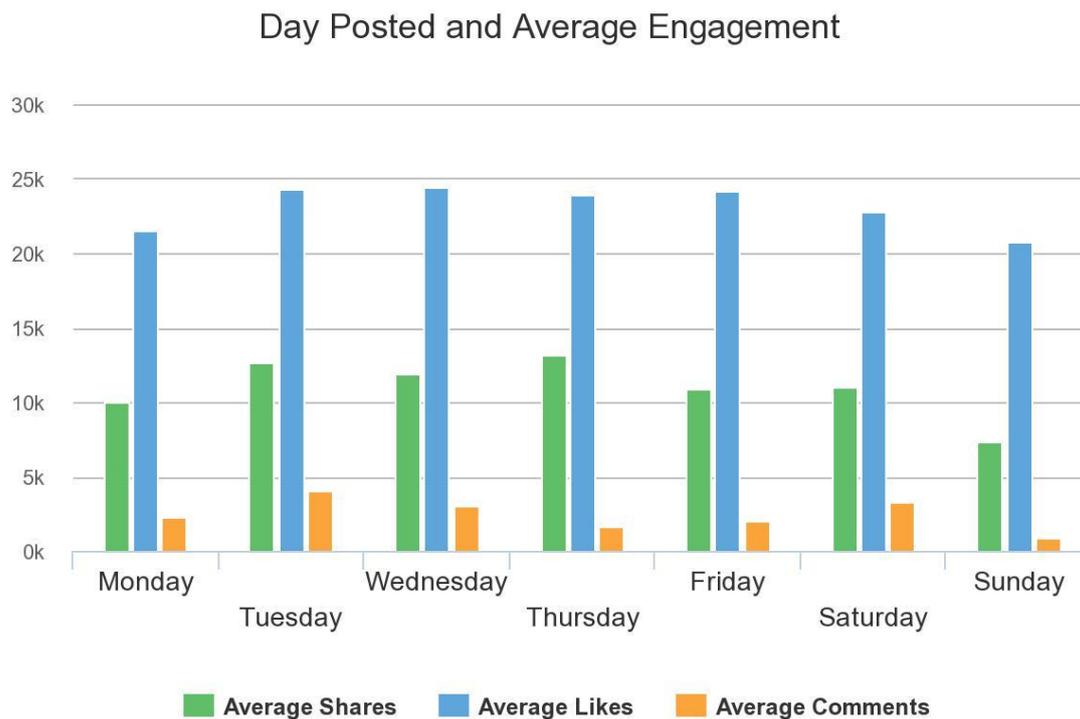


Fonte: Site Sumorank⁸

Esta imagem apresenta os horários de postagem da página nesse período de um ano. Além disso, há o detalhamento de quais horários tiveram mais engajamento, ou seja, mais interação dos usuários. A relação é demonstrada nas cores verde (que representa a média de compartilhamentos), azul (“likes” ou “curtidas”) e amarela (os comentários). O número de “curtidas” é superior ao de “compartilhamentos” e “comentários”. Com isso, percebe-se que a “curtida” é mais rápida e não é necessária tanta exposição, como os outros dois tipos de engajamento. Porém, isso também demonstra concordância com a mensagem exposta na página. O horário de pico (das 9 horas às 19 horas) também é importante, pois nos “intervalos”, como o horário de almoço, de 11 às 12 horas, por exemplo, os números aumentam. No fim do expediente, como 18 e 19 horas, o mesmo acontece.

⁸ Disponível em: <sumorank.com/suricateseboso> Acesso em: 4 jul. 2017.

Figura 6 – Mensuração de resultados (Engajamento médio e data de postagem)



Fonte: Site Sumorank⁹

Esses dados mostram os dias da semana e quando houve mais interatividade. A contagem começa na segunda-feira e finaliza no domingo. Mais uma vez as “curtidas” são mais altas, se comparadas aos outros elementos de engajamento. Os dias da semana possuem quase o mesmo desenho de interação, com exceção de terça, quarta e sexta, que chegam a quase 25 mil “curtidas”. Além disso, terça, quarta e quinta possuem mais comentários e compartilhamentos se comparados aos outros dias da semana.

a) Meme um - Café

Este conteúdo foi postado na comunidade virtual em 10 de abril de 2017. O alcance chegou a 112 mil “curtidas”, 179 mil compartilhamentos e 63 mil comentários. A mensagem é simples e inteligível. A página pede para os usuários “marcarem” conhecidos que são viciados em café.

⁹ Disponível em: www.sumorank.com/suricateseboso> Acesso em: 4 jul. 2017

Figura 7 – Meme 1



Fonte: Facebook Suricate Seboso¹⁰

Para auxiliar na análise imagética de todos os memes do *corpus* deste trabalho, utiliza-se a tríade (ícone, índice e símbolo), segundo Volli (2000). Sobre o ícone, percebe-se que há a semelhança do suricate, animal escolhido como representante da comunidade. Neste caso, o processo de similaridade está ligado à foto que consegue lembrá-lo. Isso ocorre também com o café, o fundo de estrelas e as roupas que compõem o personagem. Ou seja, todos possuem o papel de lembrança de algo que de certa forma é real.

¹⁰ Disponível em: <www.facebook.com/suricateseboso> Acesso em: 25 jul. 2017.

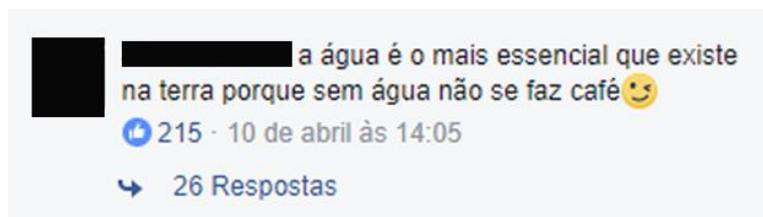
Para o índice, três processos podem ser vistos. O primeiro está relacionado aos elementos de identidade que auxiliam os usuários a entender que certo conteúdo é do Suricate Seboso, a tipografia e o fundo de estrelas, que demonstram o processo de “marca” na mensagem. O segundo aspecto de indício é a relação do personagem principal, um suricate, ator não-humano, que representa qualquer usuário ator humano que se engaja a partir do conteúdo apresentado. Sobre o terceiro, trata-se da manipulação da imagem relacionada à frase “marque aquela pessoa que é viciada num cafezim”. A imagem demonstra uma xícara de café maior que o convencional sugere uma ênfase humorística e irônica à mensagem retratada.

Já o símbolo ocorre no processo principal da mensagem, quando os atores sociais relembram de alguém que gosta muito de café. Como relacionado por Volli (2000), esta fase só ocorre se houver um significante e um significado, pois a principal característica do signo simbólico é a história envolvida para que determinado signo se transforme nessa característica. Em outras palavras, o que caracteriza principalmente o símbolo é a questão de existir um embasamento histórico sobre um signo e o que as pessoas envolvidas costumam entender sobre.

Ao lembrar de alguém, o usuário pode entender sobre as principais características e histórias relacionadas sobre café, como por exemplo, “o café é bom para deixar acordado”, entre outros aspectos. A lembrança também faz parte do processo, pois o personagem participou de algo histórico na realidade de outro usuário para assim então, “marcá-lo” em uma mensagem simbólica.

Observa-se outro aspecto relevante, o hibridismo discursivo, ou seja, o uso da oralidade e da escrita ao mesmo tempo. No “campo” de descrição da publicação, a página escreve a seguinte afirmação: “marcaí”. Percebe-se que esta frase é híbrida por abordar dois termos em uma só palavra, transformando o termo em algo coloquial com utilização da escrita e da fala juntas. Já na mensagem do meme, existe a palavra “cafezim”, expressão diminutiva e coloquial da palavra café, ao mesmo tempo irônica ou debochada com relação ao diminutivo.

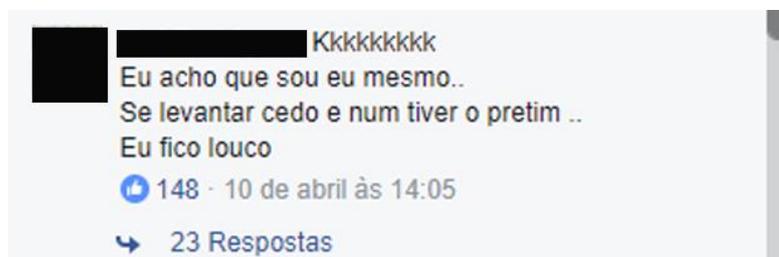
Figura 9 – Comentário 2 do meme 1



Fonte: Facebook Suricate Seboso¹²

Já para este, o café é parte essencial ao dia, pois sem ele, o usuário se sente mal.

Figura 10 – Comentário 3 do meme 1



Fonte: Facebook Suricate Seboso¹³

Já este, traz palavras regionalistas como “miseravi” e “tadinho” e “pegou esculacho”. Além disso, são termos híbridos, pois são abreviaturas e derivações de palavras escritas, como “miserável” e “coitado”. O usuário é do Ceará.

¹² Disponível em: <www.facebook.com/suricateseboso> Acesso em: 23 jul. 2017.

¹³ Idem referência

Figura 11 – Comentário 4 do meme 1



Fonte: Facebook Suricate Seboso¹⁴

Figura 12 – Comentário 5 do meme 1



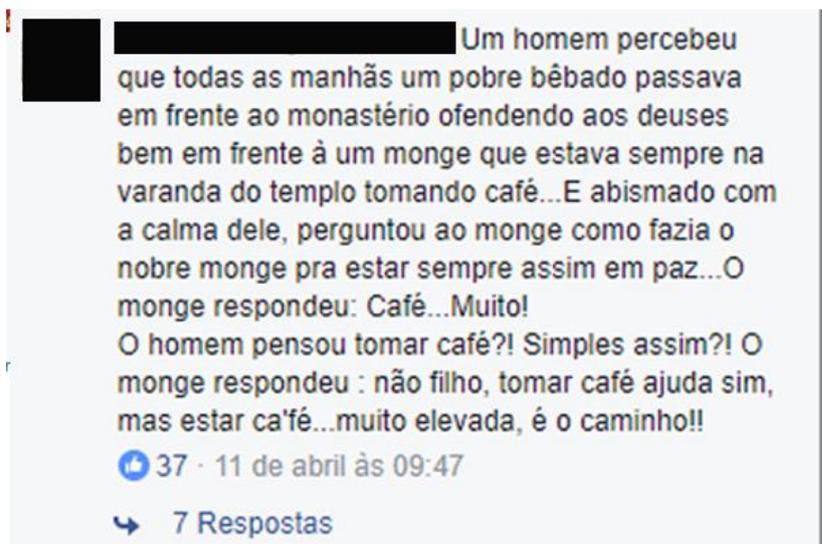
Fonte: Facebook Suricate Seboso¹⁵

O último usuário conta uma piada entre os termos café e a palavra fé. Ele utiliza de um apóstrofe para juntar as duas e dar duplo sentido, “c’afé”. Essa mistura demonstra oralidade na escrita, pois pode ser “traduzida” como ‘com a fé’, e por isso, é híbrida.

¹⁴ Idem referência

¹⁵ Disponível em: <www.facebook.com/suricateseboso> Acesso em: 23 jul. 2017.

Figura 13 – comentário 6 do meme 1



Fonte: Facebook Suricate Seboso¹⁶

Existem traços de regionalismo tanto na escrita quanto geograficamente. O que se nota é a relação do hibridismo na utilização das frases e palavras regionalistas. Muitas expressões são abreviações ou até mesmo derivações de palavras escritas da norma culta. Existem apenas dois comentários que são de pessoas do mesmo estado da página (Ceará). Os outros são de diversos lugares do Brasil, e um da Espanha.

b) Meme dois

O conteúdo foi disponibilizado no dia 14 de fevereiro de 2017 no Facebook. Houve 103 mil curtidas e 47 mil comentários. Além disso, o compartilhamento chegou a 102.609. A mensagem do meme convidava os usuários a marcarem outros que utilizavam um determinado tipo de calçado.

¹⁶ Idem referência

Figura 14 – Meme 2



Fonte: Facebook Suricate Seboso¹⁷

Para a análise, utiliza-se a tríade (ícone, índice e símbolo) explicada por Volli (2000):

A mensagem demonstra certo elemento que caracteriza algumas pessoas. Sobre o ícone, encontra-se a “chinela”, signo em forma de fotografia e que se assemelha ao objeto original, o sapato que é o conteúdo principal de interatividade. É possível visualizar a marca da “chinela”, o que tem implicações simbólicas, como será discutido adiante. Além disso, há uma parte do corpo de uma suricata na imagem. Esta parte relembra um animal que existe. As roupas na personagem também são parte deste processo icônico.

O signo indicativo traz o aspecto da representação da mensagem, ou seja, a manipulação das imagens auxilia no entendimento. A primeira manipulação é com relação ao ser apresentado, pois é misturado um animal ao corpo de um ser humano. Porém, o post propõe marcar seres humanos e, ainda assim,

¹⁷ Disponível em: <www.facebook.com/suricateseboso> Acesso em: 25 jul. 2017.

aparentemente, o conteúdo demonstra ser inteligível. Já a segunda, trata-se da “chinela”, que está exageradamente aumentada se comparada aos outros elementos de composição. Isso não atrapalha porque, como relatado por Volli (2000), o índice representa os elementos, podendo ser manipulado, não sendo necessária a semelhança dos itens, como o caso do signo ícone. Outro aspecto do índice é a relação dos elementos de identidade visual do meme, como a tipografia branca e o fundo de estrela. Estes lembram a marca Suricate Seboso que está representada. Há também a simbolização de outra marca (Havaianas), a partir dos elementos de composição da “chinela”, por causa das características visuais.

Sobre o símbolo, a mensagem sobre o uso constante do sapato, mais especificamente uma “chinela”, relembra uma marca específica que traz uma publicidade histórica ao longo de muito tempo sobre o produto na imagem do meme. “Havaianas, todo mundo usa” é um slogan conhecido da marca. Isto pode ser visto na contextualização da mensagem escrita do meme, pois é sugerido às pessoas que marquem outros que costumam usar a “chinela” em todos os lugares, independentemente da ocasião. Muitos usuários citam a marca para relatar que usam sem problema nenhum ainda que não seja adequada a utilização.

A marca Havaianas possui um contexto histórico no Brasil. Segundo a revista Exame (2015)¹⁸, ela contém a representatividade do brasileiro. Antes caracterizava somente as classes mais baixas, mas passou por um processo de reposicionamento e trouxe designs mais bonitos que pudessem ser utilizados em quaisquer ocasiões. Por isso, esta é a característica que formula a imagem também como simbólica, pois há história envolvida no contexto, passo fundamental para o simbolismo (VOLLI, 2000).

Sobre os textos, encontra-se hibridismo discursivo na redação no topo do meme, o “marcaí”, que mistura a escrita com a oralidade. Neste caso, a frase relembra uma gíria, elemento também oral, mas que está descrito textualmente.

¹⁸ Informação encontrada no jorna eletrônico **Exame**. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/negocios/a-formula-da-havaianas-para-deixar-o-mundo-aos-seus-pes/> Acesso em: 15 jul. 2017.

Os comentários expostos na comunidade dizem respeito à mensagem do meme. Além disso, demonstram a desterritorialização geográfica. Os usuários são de São Paulo (comentário 1); Rio de Janeiro (comentários 2 e 6); Pernambuco (comentário 3); Ceará (comentário 5) e Goiânia (comentário 4).

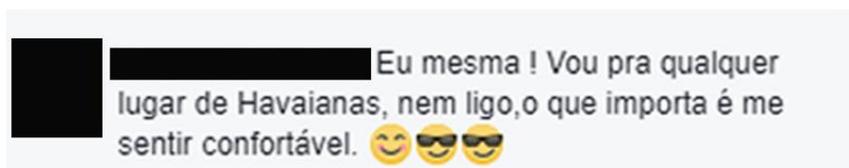
Alguns afirmam sobre a “tatuagem” que o sapato deixou. O hibridismo discursivo aparece em expressões como “q” (que), kkkkkkkk e hahaha (risadas).

Figura 15 – Comentário 1 do meme 2



Fonte: Facebook Suricate Seboso¹⁹

Figura 16 – Comentário 2 do meme 2



Fonte: Facebook Suricate Seboso²⁰

¹⁹ Disponível em: <www.facebook.com/suricateseboso> Acesso em: 25 jul. 2017.

²⁰ Disponível em: <www.facebook.com/suricateseboso> Acesso em: 25 jul. 2017.

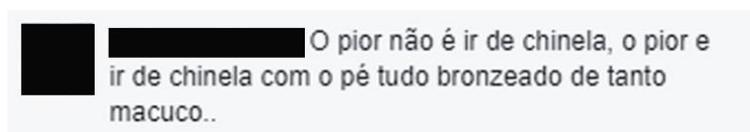
Figura 17 – Comentário 3 do meme 2



Fonte: Facebook Suricate Seboso²¹

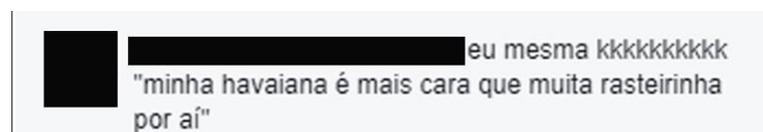
No comentário 4, uma palavra regionalista é utilizada, o “macuco”. O conteúdo é de uma pessoa que mora em Goiás. A palavra é sinônimo de sujeira.

Figura 18 – Comentário 4 do meme 2



Fonte: Facebook Suricate Seboso²²

Figura 19 – Comentário 5 do meme 2



Fonte: Facebook.com Suricate Seboso²³

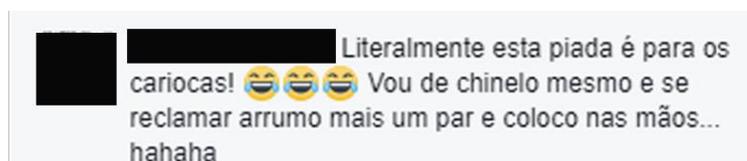
²¹ Idem referência

²² Idem referência

²³ Disponível em: <www.facebook.com/suricateseboso> Acesso em: 25 jul. 2017.

Já no comentário 6, o usuário relata que a mensagem do post é uma piada que relembra os “cariocas”, pessoas que moram no Rio de Janeiro.

Figura 20 – Comentário 6 do meme 2



Fonte: Facebook Suricate Seboso²⁴

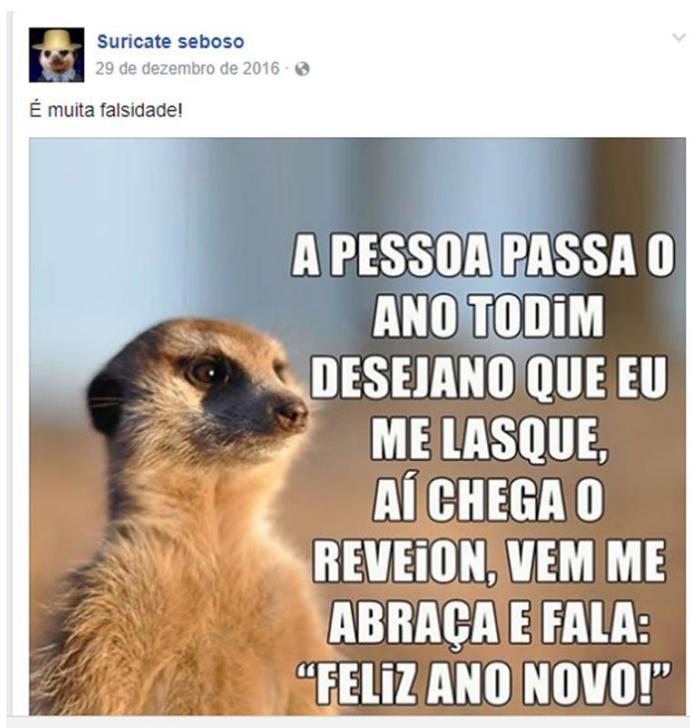
Há uma participação de pessoas de diferentes regionalismos. Estas utilizam propositalmente, em algumas vezes, expressões que somente seu estado e pessoas envolvidas conseguem entender, tudo isso pode ser visto por Silva (2014) como a demonstração do orgulho das distintas identidades. Mas ainda assim, o assunto se relata como universal, pois apesar das expressões, os textos se assemelham com a proposta do meme.

c) Meme três

A mensagem transmitida demonstra indignação relacionada às pessoas que não se cumprimentam durante todo ano e, quando é chegada a passagem de ano novo, felicitam os outros sem nenhum problema. A repercussão deste chegou a 82 mil curtidas; 108.095 e 2,6 mil comentários. A publicação ocorreu em 29 de dezembro de 2016.

²⁴ Idem referência

Figura 21 – Meme 3



Fonte: Facebook Suricate Seboso²⁵

Sobre o ícone, encontra-se a foto que relata a semelhança de um animal verdadeiro, o suricate. Para o índice, há relação da identidade encontrada na tipografia (letra branca, *outline* preto). Existe a proporção do animal comparado ao texto, ou seja, a manipulação de imagem. Além disso, há a relação de um ser não-humano utilizado como representante de seres humanos, que engajam com a comunidade. Já o símbolo aparece na mensagem principal, o ano novo, evento histórico e cultural que ocorre mundialmente em diferentes culturas. Por esse fator, o conteúdo pode atingir mais pessoas por ser algo ‘globalizado’.

O texto que compõe a mensagem é composto de hibridismo discursivo. As palavras “todim” (todinho), “desejano” (desejando) e “reveion” (réveillon) demonstram a utilização da oralidade na escrita. Além disso, existe uma expressão nordestina e/ou cearense relacionada à palavra “lasque”. No Ceará, o termo “vai se lascar” é utilizado para ofender alguém (SOU DO NORDESTE, 2017).

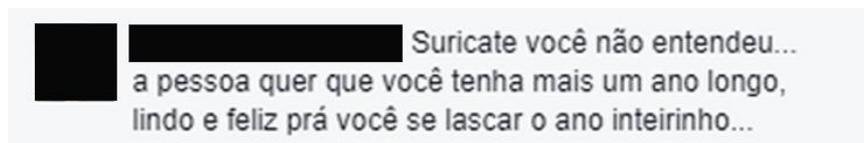
²⁵ Disponível em: <www.facebook.com/suricateseboso> Acesso em: 26 jul. 2017.

Os comentários mais engajados da página demonstram a interação de pessoas de diferentes lugares do Brasil: São Paulo (comentário 1); Amazonas (comentário 2); Pará (comentário 3); Goiânia (comentário 4) e Ceará (comentários 5 e 6).

Os usuários, na maioria das vezes, relatam experiências que passaram com relação ao assunto - que é simbólico e esse fator o torna global - em suas personalidades. O último comentário não condiz nada com o assunto tratado, mas há indignação de um usuário que diz querer ser o primeiro a comentar nas publicações.

Há hibridismo discursivo nos comentários, como as expressões “issu” (isso), vc (você) e prá (para). No primeiro comentário, o usuário se encontra nervoso sobre a situação e até convoca a comunidade para seu questionamento.

Figura 22 – Comentário 1 do meme 3

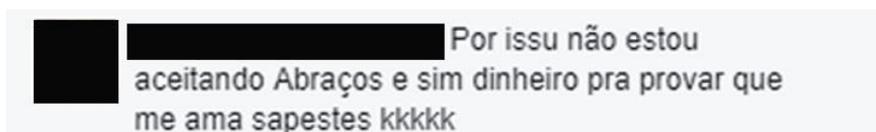


Fonte: Facebook Suricate Seboso²⁶

Já no comentário 2, uma expressão regionalista é utilizada, “sapestes”. O usuário é do Amazonas. Além disso, o hibridismo também está presente neste termo, pela junção das palavras essas e pestes em uma expressão coloquial e regionalista.

²⁶ Disponível em: <www.facebook.com/suricateseboso> Acesso em: 26 jul. 2017.

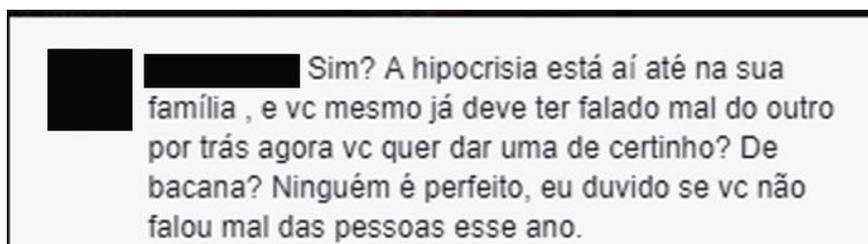
Figura 23 – Comentário 2 do meme 3



Fonte: Facebook Suricate Seboso²⁷

Outros relatam a indignação conjunta sobre o assunto.

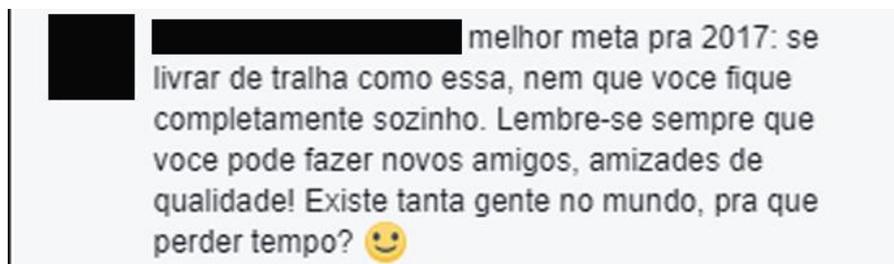
Figura 24 – Comentário 3 do meme 3



Fonte: Facebook Suricate Seboso²⁸

No comentário 4, foi utilizada a expressão “tralha” para se falar de pessoas. O usuário é de Goiânia. Informalmente, tralha significa algo sem valor.

Figura 25 – Comentário 4 do meme 3



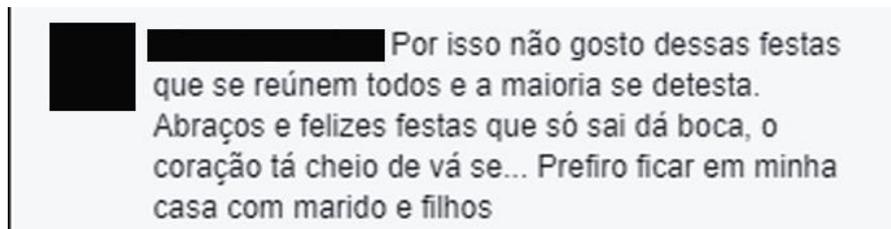
Fonte: Facebook Suricate Seboso²⁹

²⁷ Disponível em: <www.facebook.com/suricateseboso> Acesso em: 26 jul. 2017.

²⁸ Idem referência

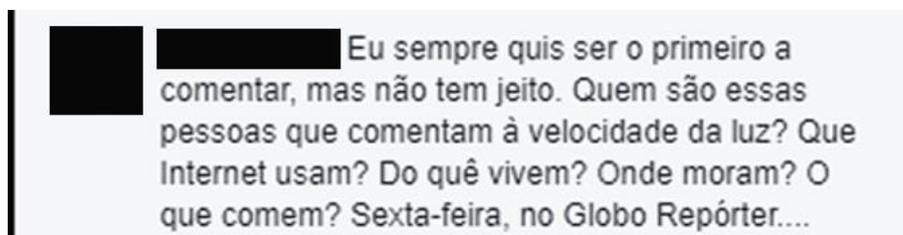
²⁹ Idem referência

Figura 26 – Comentário 5 do meme 3



Fonte: Facebook Suricate Seboso³⁰

Figura 27 – Comentário 6 do meme 3



Fonte: Facebook Suricate Seboso³¹

Nos comentários, as pessoas se expressam deixando à mostra suas personalidades em um assunto exposto para diferentes regiões. A expressividade e a personalidade demonstram a subjetividade de um assunto e como ele pode ser retratado. Nota-se que este meme é um enunciado. Para Bakhtin (2006), o enunciado pode trazer outros assuntos “extra-verbais” para a composição, que neste caso são as imagens que compõem a mensagem escrita. Com isso, segundo o autor, os enunciados conseguem transmitir pensamentos de outras pessoas. É o que acontece neste caso, pois diversas pessoas se identificam com o enunciado inicial e expõem opiniões, baseando-se na primeira mensagem para comporem as suas.

³⁰ Disponível em: <www.facebook.com/suricateseboso> Acesso em: 26 jul. 2017.

³¹ Idem referência

d) Meme quatro

A proposta deste post é um engajamento com os usuários. A página convida as pessoas a marcarem conhecidos que gostam de camarão. A linguagem é simples e direta. A postagem em números chegou a 86 mil curtidas, 34 mil comentários e 73.714 compartilhamentos. A data de aparição é de 21 de fevereiro de 2017.

Este meme obterá um método diferente de análise. Os outros anteriores constituíam de análise da tríade e dos seis comentários mais “populares”. Neste, além disso, haverá o acréscimo de outros comentários que interagiram com os seis mais. Este processo ocorre para fomentar a pesquisa, pois existe regionalismo proporcionado não pela página, mas pelos próprios atores humanos.

Figura 28 – Meme 4



Fonte: Facebook Suricate Seboso³²

³² Disponível em: <www.facebook.com/suricateseboso> Acesso em: 27 jul. 2017.

Para o signo icônico, encontram-se a similaridade de elementos reais transpassados, neste caso, por fotografia. São eles: o animal suricate, o camarão distribuído em uma vasilha e fundo estrelado. Já com relação ao índice, encontram-se um animal (ser não-humano) segurando um alimento e, ao mesmo tempo, um representante de seres humanos que interagem virtualmente. Além disso, mais uma vez percebem-se elementos de marca no conteúdo, o fundo estrelado e a tipografia, características fortes que podem auxiliar no reconhecimento. A imagem com alterações e manipulações é outra característica da peça, pois um animal pode fazer coisas que não ocorrem na realidade. Volli (2000) afirma que a mentira é um dos componentes do índice, e neste caso, este é um ponto-chave que as montagens imagéticas trazem, ou seja, não é plausível que certo animal faça o que o suricate faz nos memes. Porém, entende-se que esse processo apresentado é representativo, mesmo sendo algo não convencional ou mentiroso.

Já o símbolo se relaciona com o conteúdo principal, o camarão. Nesta mensagem, o actante humano pode interpretar a notícia de acordo com a história e a vivência do assunto “camarão” em seu cotidiano. Além disso, quando há o texto “marque aquela pessoa que merece essa bacia cheinha de camarão”, é necessário que o usuário lembre de histórias relacionadas ao assunto principal e outra pessoa que é alvo da publicação.

Não há hibridismo discursivo nesta frase. Porém, há no enunciado feito no início do post, a palavra “marcaí” (marca aí), a junção da oralidade à escrita.

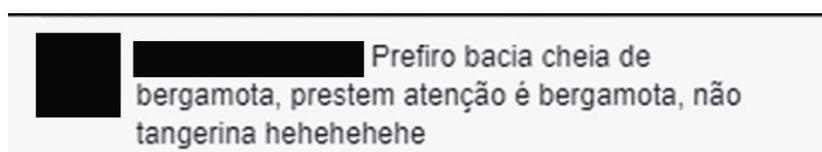
É importante frisar que o meio onde todos os memes estão inseridos é a internet. Para Johnson (2001), a internet, por meio da interface, acaba por criar a própria linguagem. Tudo isso demonstra ser proposital para que haja diálogo interativo com os atores. A interface nesta pesquisa é o Facebook.

A partir do segundo comentário, as pessoas contam histórias e experiências sobre o camarão. O hibridismo discursivo aparece em vários momentos, com as expressões “tá”, “hehehe”, “pro” e “tô”. Como descrito anteriormente, a internet demonstra ser um meio de boa utilização da junção entre comunicação oral e escrita.

As pessoas são de Rio Grande do Sul (comentários 1 e 3); Maranhão (comentário 2); Mato Grosso do Sul (comentário 4); Rio de Janeiro (comentário 5) e Paraná (comentário 6).

O primeiro detém de um assunto diferente da proposta do meme. Porém, instiga outra conversa regionalista.

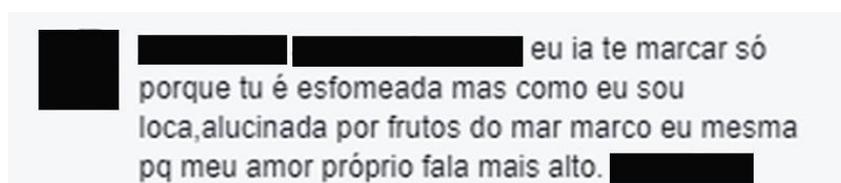
Figura 29 – Comentário 1 do meme 4



Fonte: Facebook Suricate Seboso³³

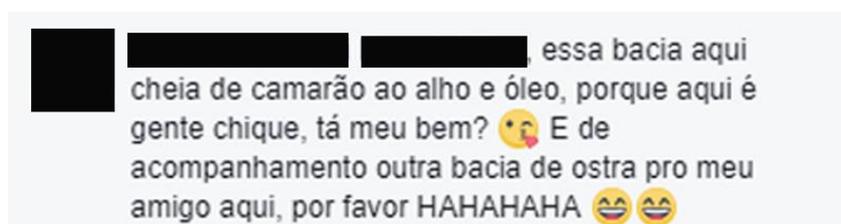
Alguns usuários explicam como o produto é ingerido em suas localidades e quais acompanhamentos são utilizados para seu preparo.

Figura 30 – Comentário 2 do meme 4



Fonte: Facebook Suricate Seboso³⁴

Figura 31 – Comentário 3 do meme 4



Fonte: Facebook Suricate Seboso³⁵

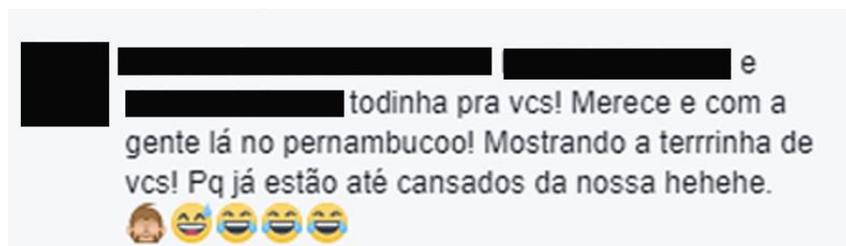
³³ Disponível em: <www.facebook.com/suricateseboso> Acesso em: 27 jul. 2017.

³⁴ Idem referência

³⁵ Idem referência

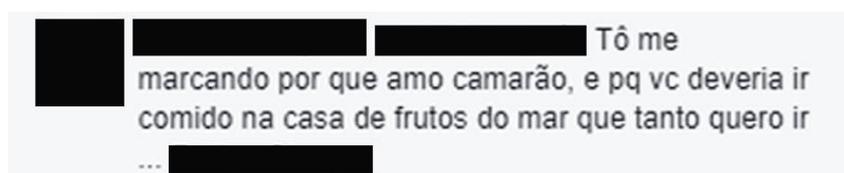
No comentário abaixo, o usuário fala para alguns amigos sobre o camarão de outro estado, o Pernambuco, pois estes estão supostamente cansados do camarão do Maranhão, estado onde o usuário mora.

Figura 32 – Comentário 4 do meme 4



Fonte: Facebook Suricate Seboso³⁶

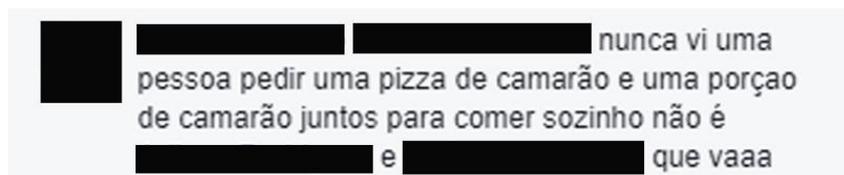
Figura 33 – Comentário 5 do meme 4



Fonte: Facebook Suricate Seboso³⁷

Neste comentário, o usuário “marca” duas pessoas que gostam muito de camarão.

Figura 34 – Comentário 6 do meme 4



Fonte: Facebook Suricate Seboso³⁸

No primeiro comentário acima, um actante foge totalmente da mensagem transmitida pela comunidade. Os usuários então se empenham em falar sobre uma fruta que possui diversos nomes de acordo com a localidade. Entra-se em

³⁶ Disponível em: <www.facebook.com/suricateseboso> Acesso em: 26 jul. 2017.

³⁷ Idem referência

³⁸ Idem referência

uma discussão regionalista com substantivos diferentes para falar de uma mesma coisa.

Abaixo, a discussão repercute. A fruta comentada é a tangerina. Cada participante relata um nome diferente. Outros se perguntam o que significa cada termo.

As respostas vêm do Rio de Janeiro (comentários 1 e 4); Rio Grande do Sul (comentário 2); Mato Grosso (comentário 3); Goiás (comentário 5) e Pará (comentário 6);

No primeiro comentário, alguém pergunta o que é bergamota e os usuários começam assim uma discussão sobre o assunto. Alguns respondem o significado. Outros relatam como o termo é falado em seus estados.

Figura 35 – Reações ao primeiro comentário



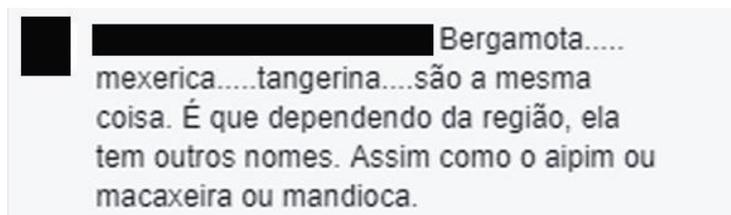
Fonte: Facebook Suricate Seboso³⁹

Existem assim, muitas expressões regionalistas para tratar da tangerina. No Rio Grande do Sul, é bergamota, em Goiás é mexerica.

³⁹ Disponível em: <www.facebook.com/suricateseboso> Acesso em: 28 jul. 2017.

Em determinado momento, uma pessoa afirma sobre os diversos nomes citados e finaliza que, apesar de todos os nomes diferentes, eles significam a mesma coisa.

Figura 36 – Resposta ao primeiro comentário



Fonte: Facebook Suricate Seboso⁴⁰

Esse processo é explicado por Silva (2014), que afirma que não há como saber sobre as diversas culturas e identidades do Brasil, mas que é importante ter uma noção sobre. Nota-se que a internet e a cibercultura podem ser aliadas nisso, como demonstram esses comentários: um compartilhamento cultural de identidade brasileira de maneira simples e de possível acesso para qualquer brasileiro possuinte de uma bagagem histórica e cultural. Poulet fomenta a relação da história e dos “idiomatismos regionais”. Para o autor, isso só demonstra as marcas locais que ajudaram na construção da memória do Brasil. As pessoas envolvidas têm orgulho em relatarem suas diferenças.

Outro aspecto importante que se nota é que a língua (idioma português) faz parte deste processo de disseminação desterritorializada no Brasil, pois tudo está envolto no conhecimento do idioma. É praticamente impossível que um ator humano que não saiba a língua consiga interagir com outros nativos do idioma, ainda que haja desterritorialização por meio da mobilidade e do alcance da internet.

A língua pode ser individual (SAUSSURE, 1987). O regionalismo é uma prova disso. Mas o enunciado deixa a mensagem mais pessoal (BAKHTIN, 1987). Neste caso, as frases utilizadas na composição dos memes segmentavam o assunto, não deixando mais amplo, demonstrando a utilização do enunciado. Isso traz mais personalização do ser humano. O autor relata

⁴⁰ Disponível em: <www.facebook.com/suricateseboso> Acesso em: 28 jul. 2017.

ainda que os enunciados sempre possuem “ecos” de outros enunciados criados anteriormente.

Mesmo sendo compostas por enunciados, as redações sempre se voltavam para assuntos amplos, globais, mas que ao mesmo tempo se restringem ao comportamento brasileiro. Cada pessoa se identifica com tal assunto, mas de forma pessoal, em vivências e “idiomatismos regionais”. Sobre essas expressões, Poulet (2009) afirma que, apesar de as pessoas não entenderem certas palavras e expressões, não há problema na codificação da mensagem, porque elas são conviventes e falantes da mesma língua. Esta é uma das principais respostas a ser relatada na página Suricate Seboso, a troca entre pessoas com diferentes sotaques, interagindo ‘globalmente’ com outras personas diferentes, mas que falam o mesmo idioma.

Sobre o humor, entende-se que apesar de não estar muito presente nos memes em análise, nota-se que os usuários o utilizam com larga frequência nos comentários. Boa parte dos textos demonstram que o humor serve como uma “máscara” para a descrição de fatos reais. O meme então provoca certo tipo de assunto e as pessoas humoristicamente participam contando suas histórias particulares.

5.1.1 Classificação dos memes

Todos os memes em análise, conforme as categorias de Recuero (2007), se caracterizam como persistentes, fecundos, replicadores, local e global. São considerados permanentes por serem divulgados em uma página que permite um alto período de duração do meme, além da possibilidade de retorno. São fecundos devido à forma de disseminação. Para a autora, ocorrem em um grupo específico, que no caso é a comunidade virtual em estudo. Além disso, também são replicadores, pois os conteúdos sempre possuem uma identidade imagética que permite a possibilidade de reconhecimento. Por isso, os usuários só conseguem compartilhar o conteúdo, replicando com a originalidade do conteúdo, sendo esta a principal característica de um meme replicador.

Já com relação às classificações local e global, percebe-se que os memes dessa página se atribuem às duas categorias. Em um contraponto, Recuero (2007) afirma que as categorias global e local estão na classificação de alcance, criada por ela. Para a autora, o conteúdo é global quando há uma alta disseminação, como o próprio nome relata, mas que paradoxalmente, o engajamento entre os usuários pode ser menor e mais distante. Sobre o local, a proximidade geográfica das pessoas envolvidas em grupo social e virtual pode ser o fator de maior interatividade.

Porém, na página Suricate Seboso ocorre o oposto da proposta de Recuero, pois a globalização não é um fator de pouca interatividade. Assuntos corriqueiros universais, como o vício no café, por exemplo, atingem pessoas de diferentes lugares do Brasil que se engajam numa comunidade de cunho aparentemente regional. No entanto, diversas pessoas geograficamente distantes se encontram e compartilham experiências pessoais de forma global e local ao mesmo tempo.

Latour afirma que por causa das diferenças de cada ser humano, criam-se os grupos menores, mas que mesmo assim os coletivos, que na atualidade são o computador e o *smartphone* (o *mobile*), por exemplo, são os que transformam essa repartição de grupos em “irmandade”.

Esse processo pode ser acrescido ao que Semprini (2010) relata sobre alcance e mobilidade. Para o autor, a mobilidade causada por outro ator não-humano, que é a internet, é um dos principais fatores para que haja o maior alcance da comunicação. Pois não se trata somente da mobilidade geográfica, mas de interesses pessoais e sociais de cada actante humano. Outro fator além da mobilidade e do alcance é a importância da língua nativa, que também é “universal” e possui especificidades e diferenciações no Brasil.

5.1.2 A Teoria Ator-Rede e o Facebook

O hibridismo é o assunto relacionado à teoria ator-rede. Nela, acontece a interação entre seres humanos e não-humanos (LATOUR, 1994), como ocorre

na comunidade virtual Suricate Seboso. Primeiramente, um ator humano cria os memes e interage por meio de um ator não-humano, o meme do suricate (animal) como representação de pessoas. Além disso, a mensagem é transfigurada por outro ator não-humano, uma interface, que traduz uma linguagem entre humanos e máquinas, o Facebook.

O Facebook não é somente um aporte de tradução e interação entre os humanos e computadores ou *mobiles*, como relata Johnson (2001), mas também faz parte da interação dos conteúdos, pois é mediador. Isso ocorre porque a rede social repassa a informação não de forma pura, mas de modo que possa haver a modificação do conteúdo (LATOIR, 1994). Os algoritmos são auxiliares nesse processo de mediação, pois eles estudam cada usuário e repassam, de modo personalizado, conteúdos identificados como relevantes ou de interesse do usuário.

A rede surgiu em 2004 e “milhões de pessoas usam o Facebook para compartilhar um número ilimitado de fotos, links, vídeos e conhecer mais as pessoas com quem você se relaciona” (FACEBOOK, 2017). É nela que ocorrem os quatro repertórios (ser humano, coisas em si, narrativa e coletivos) explanados por Latour (1994).

Os seres humanos são os principais para que a rede e a interface possam existir. As coisas em si são os atores não-humanos, as comunidades virtuais criadas. Já a narrativa trata dos assuntos, os enunciados criados pelos seres humanos participantes. Os coletivos demonstram onde todas essas categorias se encontram: o Facebook é o coletivo em que tudo isso acontece, sendo mais que um mediador e tradutor dos zeros e uns. Trata-se de um auxiliar na desterritorialização geográfica das informações e no processo de mobilidade. Isso é parte integrante para que a disseminação de conteúdo da página Suricate Seboso obtenha possível sucesso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade é movida pela comunicação. A cibercultura demonstra que a internet se torna aliada nesse processo. Quanto mais os seres humanos se envolvem nesta cultura de “zeros e uns”, mais importante que haja pesquisas e estudos para entender o que ocorre e como ocorre a interação das pessoas com os seres não-humanos.

Esta pesquisa trouxe como aparato entender como os seres humanos se engajam com seres não-humanos em uma comunidade virtual, que possui como característica a comunicação por meio dos memes em enunciados regionalistas, e, que ao mesmo tempo, consegue atingir pessoas que não são próximas geograficamente.

A possível resposta encontrada para este processo é que as mensagens promovidas na página possuem cunho simbólico e ‘global’. Ou seja, os conteúdos discursivos e imagéticos relembram temas cotidianos e corriqueiros que podem ser interpretados pelas diversas pessoas. Além disso, a língua nativa é o principal ponto para que ocorra a interação, porque apesar de palavras regionalistas, o idioma ainda é o mesmo. Poulet (2009) confirma este pensamento, pois para o autor essas palavras não impedem de entender completamente os enunciados. Outra resposta é a relação da subjetividade. Ainda que o conteúdo dos memes seja generalizado de certa forma, cada ator humano transfigura sua participação na comunidade com vivências pessoais.

O Facebook também é parte integradora para que isso ocorra, pois é através desta interface que todo esse processo de disseminação de mensagem pode ocorrer, com a quebra de barreiras e fronteiras geográficas. Além disso, esta interface pode mediar o conteúdo dos usuários de acordo com o perfil e comportamento.

Percebe-se que este processo de interação entre pessoas de sotaques e histórias diferentes pode ser positivo, pois auxilia no processo de conhecimento das distintas identidades que compõem a história do Brasil e da língua. Os memes e o humor também são relevantes por darem suporte para que haja

maior intimidade entre as pessoas, para que elas se sintam mais à vontade para falar de diversos assuntos.

Observa-se que todos os objetivos definidos no início desta pesquisa foram alcançados, mas destaca-se que quando se trata de estudos mais aprofundados sobre o regionalismo no Brasil, o assunto ainda é escasso. O regionalismo é ainda tratado generalizadamente, sem muitas especificações ou campos de estudos apurados. Nota-se ainda que o tema é alvo de preconceito. Por isso, recomenda-se que mais projetos possam estudar a linguagem e a língua das pessoas. O que se espera em próximos trabalhos é o estudo dos efeitos da pluralização de regionalismos discursivos no cotidiano, na fala, no comportamento e na língua, dentro desse contexto da sociedade conectada em rede.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. L. C. V. O. Língua: modalidade oral/escrita. 2011. Disponível em: < <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40355/1/01d17t04.pdf> > Acesso em: 8 maio 2017.
- ARAÚJO, A. F. B. *O regionalismo como o outro*. 2006. Disponível em: < <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2100> > Acesso em: 08 dez. 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BARROS, Diana, L. P. B. *Teoria semiótica do texto*. 5 ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet – reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.
- DAWKINS, Richard. Memes: os novos replicadores. In: DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. São Paulo: Companhia das letras, 2007.
- ECO, Umberto. *O signo*. São Paulo: Editora Perspectiva. 1973.
- EXAME. *A fórmula da Havaianas para deixar o mundo aos seus pés*. Disponível em: < <http://exame.abril.com.br/negocios/a-formula-da-havaianas-para-deixar-o-mundo-aos-seus-pes/> > Acesso em: 20 jul. 2017.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- JOHNSON, Steve. *Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.
- JURNO, A, M. *Agenciamentos coletivos e textualidades em rede no Facebook – uma exploração cartográfica*. 2016. 138f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação de Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. São Paulo: Editora 34, 1994.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999./
- LÚZIO, E. R. C.; RODRIGUES, M. L. *Marcas de oralidade em textos escritos*. 2011. Disponível em: < <http://www.cepad.net.br/linguisticaelinguagem/EDICOES/03/Arquivos/07%20EII en%20Regina%20Camargo.pdf> > Acesso em: 06 maio 2017.
- LYONS, John. *Linguagem e linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.
- MARKETING DE CONTEÚDO. *Algoritmo do Facebook: como ele funciona e como aumentar seu gráfico orgânico*. Disponível em < <http://marketingdeconteudo.com/algoritmo-do-facebook/> > Acesso em: 10 jun. 2017.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

MURARI, Luciana. *Escrita do eu, escrita do outro: a construção do sujeito ficcional na narrativa regionalista em primeira pessoa*. 2015. Disponível em: < <http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/8168> > Acesso em: 27 dez. 2016.

NETO, Celso Figueiredo. *Porque rimos: um estudo do funcionamento do humor na publicidade*. 2011. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1974-1.pdf> > Acesso em: 12 abr. 2017.

OGDEN, James R.,; CRESCITELLI, Edson. *Comunicação integrada de marketing*. 2 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

PORTO, A. P. T.; Porto, L. T. *Práticas discursivas híbridas: reflexões sobre a prosa brasileira contemporânea*. 2011. Disponível em: < <http://seer.uniritter.edu.br/index.php/nonada/article/viewFile/209/225> > Acesso em: 20 maio 2017.

POSSENTI, S. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

POULET, M. E. M. *Mas Bah, Tchê! Idiomatismo e regionalismo como marca de diferenciação identitária*. 2009. Disponível em: < <http://periodicos.ufpb.br/index.php/actas/article/view/14658> > Acesso em: 12 jan. 2017.

RECUERO, R. C. *Comunidades virtuais – uma abordagem teórica*. 2003. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-comunidades-virtuais.pdf> > Acesso em: 10 abr. 2017.

RECUERO, R. C. *Memes em weblogs: proposta de uma taxonomia*. 2007. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3411> > Acesso em: 10 mar. 2017.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1987.

SEMPRINI, Andrea. *A marca pós-moderna: poder e fragilidade da marca na sociedade contemporânea*. 2 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

SILVA, Tadeu. S. (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

SOERENSEN, Claudiana. *A carnavalização e o riso segundo Bakhtin*. 2011. Disponível em: < <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/viewFile/4370/3889> > Acesso em: 12 abr. 2017.

SOU DO NORDESTE. *Dicionário cearense*. Disponível em: <<http://soudonordeste.com.br/dicionario-cearense-cearenses/>> Acesso em: 18 jul. 2017.

SUMORANK. *Sumorank*. Disponível em: < <http://sumorank.com/> > Acesso em: 20 jul. 2017.

SURICATE SEBOSO. *Quem somos*. Disponível em: < <http://suricateseboso.com.br/> > Acesso em: 12 jun. 2017.

TABACARU, Sabina. *Uma visão geral das teorias do humor: aplicação da incongruência e da superioridade ao sarcasmo*. 2015. Disponível em: < <https://www.researchgate.net/publication/286448798> > Acesso em: 20 maio 2017.

VOLLI, Ugo. *Manual de semiótica*. São Paulo: Editora Loyola, 2000.